CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

Sem estampilha: anno 4$600 reis. Semestre: 2$300 rs. Trimestre: 1$200; avulso 50 reis. Com estampilha: anno 5$140 reis. Semestre 2$570; Trimestre 1$330, avulso 60 rs.

Correspondencias, de interesse particular: por linha 30 reis. Annuncios por linha 30 reis; repetição 15 reis. Publicações no corpo do jornal, 60 reis por linha.

Os srs. assignantes effectivos teem direito á inserção gratuita das publicações que quizerem fazer o que estejam em harmonia com os principios do jornal.

ESCRIPTORIO DA ADMINISTRAÇÃO

LARGO DA VERA-CRUZ

AVEIRO

CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

REDACÇÃO

Manuel Firmino d'Almeida Maia (proprietario) e Fernando de Vilhena

ASSIGNA-SE UNICAMENTE

Em Aveiro: No escriptorio da administração. A importancia da assignatura póde ser remettida: em selos ou estampilhas, ou por saque sobre alguma casa d'esta cidade.

As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados, não serão restituidos.

A circumstancia de receber o jornal, sem o devolver, importa responsabilidade, pela importancia do tempo em que se recebe.

ESCRIPTORIO DA REDACÇÃO

LARGO DA VERA-CRUZ

AVEIRO

ANNO XXXII — QUARTA-FEIRA 16 DE AGOSTO DE 1882 — NUMERO 3:118

Aveiro

EL-REI NAS PROVINCIAS

Não estranhamos as festas do syndicato, nem as ovações do Famalicão. Se houvesse motivo para reparos, se alguma cousa podesse justifical-os, era a frieza com que por toda a parte teem sido recebidos os conselheiros da corôa. Esperavam os ministros explorar a visita d'el-rei, e attribuirem as manifestações mais ou menos expontaneas da população á sua influencia politica. Pois a despeito dos esforços egoistas da empreza de Salamanca, o barometro tem descido muito n'estes ultimos dias, e ninguem pode hoje encampar ao prestigio do sr. Fontes e dos seus collegas, as festas com que tem sido acolhida a auctoridade real.

No Porto o syndicato observou com escrupulo todas as condições do programma: girandolas de dynamite, bandeiras de cores variegadas e festões de flores, colchas de damasco e obeliscos, illuminações e festim opiparo, nada faltou para mostrar a gratidão dos homens de Salamanca. Mas tudo isto sabia-se e dizia-se com antecipação, e não foi surpreza para ninguem o brilhantismo da recepção, o banquete, e o passeio ao ar livre, após elle. Tudo estava previsto e regulado.

Até entrou no programma o enthusiasmo com que n'essa noite foi acolhida a familia real ao sair dos paços do concelho. A especulação nada havia escapado. Os incidentes estavam calculados mathematicamente. Só se deixou surprehender quem não estava no segredo das combinações. Tudo theatral, tudo espectaculoso.

Mas se, como os sepulchros da escriptura, o brilhantismo das extoriorridades não pode encobrir totalmente as podridões de uma situação difficil e insustentavel, esperemos mais alguns dias, para que sôe para todos a hora terrivel dos desenganos. A crise industrial e a crise commercial avisinham-se, ainda mal, a passos de gigante. E quando ellas desfecharem, conhecer-se-ha o erro, de que o governo tem feito o seu principal cavallo de batalha, suppondo que desnorteando a corôa, levando-a a acreditar que é prospero o estado do paiz, conseguia manter-se nos seus conselhos, não prevendo, que depois será mais estrondosa a sua queda, quando se souber, que a derrocada fora obra da imprevidencia do ministerio presidido pelo sr. Fontes, que converteu as obrigações do caminho de ferro do Minho e Douro, sem prévio conhecimento da vontade dos seus antigos possuidores, com o que afrontou os estabelecimentos bancarios do Porto, levando-os a emprestarem ao estado o capital que d'antes se achava á ordem do commercio e da industria; e que actualmente falta a estes dois motores da prosperidade publica, determinando a crise financeira que está prestes a desfechar.

Será então terrivel o despertar á beira do abysmo, mas o sr. Fontes assim o quiz, e el-rei continúa a ter confiança n'elle, tudo para maior gloria da gravidade das circumstancias.

GRITO DE FOME

Publicamos em seguida a representação e memorial, que a estas horas devem ter sido entregues em Lamego a el-rei por uma commissão nomeada pela camara municipal e principaes viticultores do concelho da Pesqueira.

Tractaremos do seu assumpto mais de espaço. Por agora notemos, só que é mais um grito de fome soltado pelo povo no meio dos festins reaes e das espectaculosas recepções alugadas. Para estes gritos é que el-rei devoria ter ouvidos.

SENHOR! A commissão nomeada em sessão extraordinaria de 3 do agosto corrente pela camara municipal e pelos principaes viticultores d'este concelho, vem trazer aos pés de V. M. F., como de toda a familia real, o preito e homenagem que lhe tributam e a certeza de que no coração de todos os habitantes d'aquellas regiões vae grande contentamento pela aproximação de seus soberanos, em quem depositam as mais bem fundadas esperanças, aproveitando este ensejo para solicitar de V. M. uma visita ao centro da região philoxerada do Douro, a fim de V. M. poder avaliar de perto o estado desolante d'aquella porção do paiz, outr'ora tão prospera e rica, quanto hoje devastada e pobre.

Senhor! É sempre grato aos povos o verem que os seus soberanos d'elles se lembram não só em dias da sua prosperidade para augmentar-lhes o regosijo, mas tambem nos dias de desventura e de desgraça para confortal-os no seu desalento.

E que triste quadro de desventura não são os escalvados montes do alto Douro estereis e sem vegetação, aonde os braços laboriosos se crusam, não em frente das escabrosas serranias, que elles arroteavam e abriam pelo trabalho em manancial de riqueza, mas em frente da esterilidade que não podem combater!

A commissão plenamente confia no esclarecido zelo de V. M. e nos vivos desejos, que nos differentes poderes do estado assistem de concorrerem para a felicidade do paiz, o assim reconhece que V. M., bem como os representantes da nação, e o actual governo, teem completo conhecimento da sorte lamentosa d'uma região totalmente philoxerada, mas as formas officiaes por que se adquire este conhecimento, não podem impor-se ao espirito e coração magnanimo de V. M., uma inspecção occular do tristissimo quadro da esterilidade e miseria, que vão dilatando o seu dominio por todo o alto Douro.

E por isso que os povos d'este concelho, em lucta desesperada com a mais terrivel das calamidades, anhelam porque V. M. seja servido prolongar a sua viagem pela linha ferrea do Pinhão até onde possa, inspirar-se no aspecto excepcionalmente afflictivo d'uma extensa área de vinhedos presa d'um inimigo formidavel, para cujo extermicio teem sido impotentes todos os meios indicados e seguidos pelas sciencias applicadas até ao presente.

E por isso que estes povos, appellando confiadamente para o bondoso coração de V. M., imploram protecção e esperam que, dentro dos limites da justiça, sejam ordenadas medidas promptas e energicas, que possam salval-os das mãos descarnadas e lividas da fome, que já os ameaça e opprime, e para fugir á qual muitos subditos de V. M. teem ido procurar no exilio o pão que o querido solo da patria já lhes não pode dar!

A commissão tem a honra de respeitosamente entregar a V. M. o memorial das necessidades mais instantes do seu concelho, confiando que ellas serão providas de remedio com a urgencia que V. M. julgar necessaria para bem dos povos que se acolhem á sombra veneranda do regio amparo do mais bondoso dos monarchas.

Deus guarde a preciosa vida de V. M. e de toda a familia real, como do coração desejamos, e havemos mister.

Pesqueira, em reunião da commissão nos paços do concelho, 6 de agosto de 1882.

Barão de Cazaes do Douro, bacharel José Augusto de Madureira Leal, João de Souza Donas Botto, Manuel Antonio de Magalhães, Antonio Pereira Mauricio, Augusto Cesar Pinto de Gouveia, João Manuel Ribeiro.

MEMORIAL

Senhor!—Diz a commissão da camara e principaes viticultores do concelho da Pesqueira que, para ao menos se minorarem os effeitos calamitosos da destruição dos vinhedos d'aquelle concelho pelo phylloxera, julgam de urgente necessidade que V. M. seja servido ordenar as seguintes medidas:

1.ª—Que nos terrenos phylloxerados seja permittida a cultura dos tabacos regulada pela forma mais conveniente e equitativa.

2.ª—Que sejam immediatamente reformadas as matrizes prediaes, em harmonia com o que dispõe o art. 9.º da carta de lei de 17 de maio de 1880.

3.ª—Que seja considerada de 6.ª e não de 4.ª ordem a villa de S. João da Pesqueira para o effeito do lançamento da contribuição industrial.

4.ª—Que o costeamento das despezas com a estação telegrapho-postal seja feito por conta do estado, como é de inteira justiça.

Pede, por isso, a V. M. a graça que requer.

E. R. M.

S. João da Pesqueira e Paços do Concelho 6 d'agosto de 1882.

(Seguem-se as assignaturas e as mesmas da representação.)

O SR. MINISTRO DO REINO THOMAZ RIBEIRO E A JUNTA GERAL D'AVEIRO

Dissemos já, que a eleição do conselho de districto, feita pela junta geral no dia 4 do corrente, estava insanavelmente nulla, conforme o disposto no art. 35.º n.º 3.º do Cod. Adm. E para o testificar basta o confronto do decreto de 7 de junho ultimo e do alvará do governo civil de 29 de julho com a expressa determinação da lei. Em nenhum d'aquelles dois diplomas officiaes se acha consignado, que a junta devesse deliberar sobre a organisação e apresentação da lista triplice para o tribunal administrativo, e sendo extraordinaria a sessão do dia 4, é incontroverso, que aquella corporação administrativa exorbitou, e por tanto que é nullo o acto, nos termos d'aquella disposição.

Alem d'isto, que é essencial, temos tambem que o sr. ministro do reino é contrario ao que fez a junta geral d'Aveiro, não incluir na lista os nomes dos cidadãos, que residem a maior distancia de 10 kilometros da capital do districto. Ettodavia, o sr. Thomaz Ribeiro foi muito claro nas suas opiniões sobre o objecto, quando na sessão parlamentar de 22 d'abril ultimo tratou de justificar se demão ter nomeado o conselho de districto d'Aveiro, votado em lista triplice pela junta geral na sua sessão ordinaria de novembro de 1881. E S. ex.ª proferiu as seguintes notaveis palavras, que ficaram archivadas no *Diario das Camaras*:

«E' possivel que eu tenha nomeado ou o de Faro ou o de Santarem, (referia-se aos conservadores privativos nomeados por s. ex.ª para os conselhos do districto d'Evora, Faro, Lisboa e Santarem), ou o d'outra qualquer parte; em todo o caso, ainda assim, não ha identidade de procedimento, *porque esses são da cabeça do districto, teem-no estudo distanciados; como estava aquelle (o d'Estarreja), a que s. ex.ª se referia, mais de uma legua da capital do districto.*

S. ex.ª sabe, *que no regimen do antigo Codigo se attendia sempre a isto.*»

O sr. Thomaz Ribeiro não mandou lavrar o decreto que comprehendia o nome do conservador d'Estarreja, não por este cidadão ser conservador, visto haver já nomeado quatro conservadores membros de differentes tribunaes administrativos, mas pelo simples facto d'elle residir a 18 kilometros de distancia da séde do districto, e ser-lhe isso defezo, nos termos do art. 269.º do Cod. de 1842, que era explicito sobre o assumpto, como pode ver-se do texto, que é do theor seguinte:

«Podem ser vogaes do conselho de districto todos os que podem ser procuradores a junta geral, *contanto que residam na capital do districto* ou EM DISTANCIA D'ELLA QUE NÃO EXCEDA A DUAS LEGUAS.»

E' portanto incontroverso, que segundo o sr. Thomaz Ribeiro está em pleno vigor esta disposição do Cod. Adm. de 1842, e que os individuos que tiverem a sua residencia excedente a duas leguas, ou 10 kilometros, não podem fazer parte do tribunal administrativo.

Mas a junta geral d'Aveiro calcou aos pés a opinião do sr. ministro do reino, porque votou uma lista contendo nomes de individuos, que residiam muito mais longe que os 10 kilometros ou duas leguas, que s. ex.ª reputa a distancia maxima a que pode residir um conselheiro de districto do local em que funcciona o tribunal a que pertencer. Os rigores do sr. Thomaz Ribeiro levaram-no a não considerar triplice a lista organisada em novembro pela corporação administrativa, por achar n'ella inscripto o conservador d'Estarreja, que reside a mais de tres leguas d'esta cidade, o que ao parecer de s. ex.ª não é admissivel, por isso que *no regimen do antigo Cod. se attendia sempre a isto.*

Ora as mesmas causas devem produzir os mesmos effeitos. A junta geral d'Aveiro na sua sessão extraordinaria de 4 do corrente não se contentou só com saltar por cima da regra estabelecida no art. 135.º n.º 3.º do Cod. de 1878. Arcou tambem de frente com as palavras e com a consciencia do nobre ministro do reino. E Nós já o demonstrámos no nosso n.º 3:116, do dia 9, e mais uma vez apresentamos a lista, para que todos saibam, o que se faz lem Aveiro, onde nem sequer se respeitam os melindres do governo, e se comprazem os seus amigos em lhe criarem difficuldades.

Assim pois na lista organisada por occasião em que a junta não podia tratar de semelhante assumpto, como já fizemos ver, praticou-se mais a illegalidade de, conforme a opinião do illustre ministro, se escolherem individuos que residem a mais de duas leguas da capital do districto, a saber:

1.º—na ordem da lista dos vogaes effectivos—bacharel João Pedro Ruella, residente na freguezia do Bunheiro, concelho d'Estarreja, a distancia de 24 kilometros d'Aveiro.

2.º—bacharel Antonio Domingues da Silva, clerigo d'ordens sacras, reside em Estarreja, a 18 kilometros d'Aveiro.

7.º—bacharel Ignacio Alberto José Monteiro, residente na freguezia do Souto, concelho da Feira, a 40 kilometros d'Aveiro.

8.º—bacharel Alexandre Celestino Soares de Albergaria, vogal da junta de parochia da freguezia de Cucujães, quinta do Buraco, concelho d'Oliveira d'Azemeis, a 44 kilometros d'Aveiro.

(N. B.—Alem da circumstancia de residir a 44 kilometros distante d'Aveiro, o que é motivo de incompatibilidade, segundo o sr. ministro do reino, Thomaz Ribeiro, temos que o sr. Alexandre Celestino Soares d'Albergaria é tambem, na qualidade de vogal da junta de parochia de Cucujães, incompativel para conselheiro de districto, conforme a regra estabelecida no artigo 237.º do Cod. Adm. de 1878.)

9.º—bacharel José Correa de Miranda, Travasso, concelho d'Agueda, a 15 kilometros d'Aveiro.

10.º—bacharel João Eduardo Nogueira de Mello, Alquerubim, concelho de Albergaria, 14 kilometros d'Aveiro.

11.º—bacharel Antonio José Vasques, residente em Arouca, a 7.º kilometros d'Aveiro.

Na ordem dos substitutos encontramos tambem as seguintes rasões de incompatibilidade, estabelecidas pelo nobre ministro do reino:

1.º—bacharel Manuel José Lopes da Cunha e Silva, Murtoza, concelho de Estarreja, a 14 kilometros d'Aveiro.

(N. B.—O sr. Cunha e Silva alem de residir a quasi trez leguas da capital do districto, e tambem juiz ordinario em effectivo serviço, e, conforme o sr. Thomaz Ribeiro, está incurso na disposição do artigo 260.º n.º 7.º do Cod. Adm. de 1878, que o torna incompativel com o cargo de juiz administrativo, conforme o parecer do mesmo sr.)

2.º—bacharel João Camossa Nunes Saldanha, Agueda, a 20 kilometros d'Aveiro.

3.º—bacharel Alfredo Pinto da Motta, Ovar, a 35 kilometros d'Aveiro.

4.º—bacharel João Carlos d'Assiz Pereira de Mello, Veiros, concelho de Estarreja, a 22 kilometros d'Aveiro.

5.º—bacharel Joaquim Antonio da Silva Sereno, medico do partido municipal, Oliveira d'Azemeis, a 40 kilometros d'Aveiro.

9.º—bacharel Antonio da Silva Carrelhas, Oliveira d'Azemeis, a 40 kilometros d'Aveiro.

10.º—bacharel Joaquim Baptista Leitão, Feira, a 45 kilometros d'Aveiro.

12.º—Antonio José da Silva Guimarães, Oliveira d'Azemeis, a 40 kilometros d'Aveiro.

Como se vê, semelhante lista não é, nem pode ser triplice, e parece que houve capricho em contrariar as opiniões do illustre ministro do reino. Empenharam-se em arranjar nomes cujos donos residissem a mais de duas leguas da capital do districto! Seria proposito? Haveria a idea de obrigar s. ex.ª a reconsiderar e por tanto a dar o flanco aos que o combatem lealmente? Alem d'isto, não previram as incompatibilidades especificadas no artigo 237.º do Cod. de 1878? Ou esteveram a divertir-se, ao ensaiarem uma nova comedia?

Tudo pode ser, em amorosa companhia.

Veremos, e contaremos.

OS LEAES CONSELHEIROS

Refere uma folha insospeita, que os povos da região phylloxerada do Douro, pretendiam aproveitar a digressão d'el-rei para lhe expôrem os seus aggravos, sollicitando dos poderes publicos a sua mais energica e decidida coadjuvação; mas que o projecto se gorara, em consequencia dos ministros serem contrarios á que se perturbassem os gozos do chefe do estado, julgando impropria ocasejo para lhe apresentarem o quadro de desgraças, que affligem aquella parte do paiz!

Não percebemos que a missão do principe seja não ver os males que assoberbam o povo, cujos destinos foi chamado a reger. Porque não deixaram que os povos do Douro se queixassem e dissessem a el-rei o que entendiam por conveniente, para levantar aquella outr'ora rica provincia, cujo estado de decadencia deve tornar apprehensivos todos os bons patriotas?

Quererão fazer persuadir a corôa, que o paiz nada é um mar de prosperidades, e que o phylloxera é um phantasma, como era invenção a crise alimentar do Minho e da Beira?

Parece que o governo tem empenho em sequestrar el-rei do convivio do povo, para que não cheguem até ao throno os clamores da opinião publica.

CRISE RECOMPOSIÇÃO MINISTERIAL

Teem corrido n'estes ultimos dias alguns boatos de recomposição ministerial.

Pouco nos importa, que o ministerio se rasgue de todo, ou se remende, porque não passará nunca de um farrapo, mais ou menos sujo, em que se embrulham as instituições.

Façam portanto os arranjos e combinações que quizerem, que nem nos incommodam, nem nos abalam.

Addiem para quando poderem a morte que os espera, que nem por isso a teremos menos infamante e affrontosa.

Adiante. Nós esperamos, e não temos pressa nenhuma. Quanto mais tarde, melhor mare, diz o rifão.

AS REFORMAS POLITICAS

Diz agora a imprensa ministerial que durante a excursão real diversas cousas pediram os povos a el-rei, excepto reformas politicas.

Mas pediram-lhe tudo o que as constituem, tudo o que d'ellas deriva, tudo o que com ellas e só com ellas se alcança e colhe.

As reformas politicas não são um fim, mas um meio. O povo pede o que precisa; a parte pensante do paiz compete estudar os meios de lh'o conceder.

O povo pede justiça, moralidade e economia na administração publica; pede menores e menos odiosos impostos; menos roubos e menos desperdicios nas obras publicas, menos tractadas nas concessões; menos patronato e menos nepotismo nos empregos; mais respeito pelas garantias individuaes; mais escrupulo na execução das leis, e mais obediencia á soberania nacional.

Nada d'isso se alcança com o partido regenerador no poder; e esse bando de abutres não largará definitivamente o poder emquanto uma profunda reforma na organisação politica do paiz lhe não cortar as garras que uma vez cravou no throno e nas instituições.

Descansem, que o povo nunca lhe pedirá reformas politicas; mas se lh'as não deveu elle as saberá fazer, e então a seu modo.

OS TELEGRAMMAS FALSOS

O *Diario Illustrado* não inventou a patavina, mas era muito capaz de a inventar se fosse preciso, porque em invenções ninguem o excede. Não são muito engenhosas; mas o que lhe falta em engenho cresce-lhe em desfaçatez.

Tambem, ha no nosso paiz umas certas folhas, que, como o *Diario Illustrado*, quando não dizem banalidades chulas, só dizem gracolas pulhas.

Nós, para elle, somos o *Times d'ovos moll's*, e suppõe, que com isso nos insulta, porque não sabe, o que diz, e iamos até jurar, que nem sabe ler o que escreve.

O que nós escrevemos é que elle com certeza não comprehende; e fica-lhe mais atro o confessal-o, que fingir se desentendido.

Pois o que dissemos, repetimol-o:

Se a imprensa regeneradora tivesse vergonha, devia calar-se depois que lhe deram na indecente marosca dos telegrammas falsos.

O facto rebaixa tanto quem o pratica, e prejudica tanto o fim a que se dirige, que sobe a ser feio e ridiculo.

Pois não viam que descoberta a burla ficavam eternamente enlameados, e que com a sua lama sujavam os que queriam exaltar?

Calem-se, calem-se, que cada vez se sujam mais—com as proprias palavras.

OS SUCCESSOS DE TRANCOSO

São graves as noticias que nos chegam de Trancoso.

O povo revoltou-se alli, a camara foi desattendida e teve de fugir ás vistas populares. O administrador do concelho demittiu-se, a villa está coberta de tropa não podendo esta imposição da força conter os animos, que se acham irritadissimos.

Estranha-se o facto por ser aquella parte do paiz tranquilla e soffredora como mais se não pode ser.

Provida a reclamação do escrivão de fazenda d'Estarreja contra a respectiva junta dos repartidores, no processo de Manuel da Silva Valente e mulher, de Canellas, sobre contribuição industrial.

CRONICA LOCAL

Estamos em pleno reinado da desordem!

A policia promove a anarchia pelas ruas da cidade, as auctoridades prendem a torto e a direito, estamos em fim n'um estado verdadeiramente impossivel!

No domingo proximo passado, deram-se n'esta terra os acontecimentos mais extraordinarios, que ha muito tempo presenceamos. Aveiro é uma cidade essencialmente pacifica. Tem por patrimonio unico o trabalho honesto, e n'elle se consome a actividade d'este povo laborioso e honrado. Ha muito tempo que aqui não havia uma desordem, um leve movimento sequer, que alterasse a nossa paz habitual. Foi preciso que a gravidade das circumstancias importasse de fóra uma remessa de cavallaria, de infanteria e de policia civil, para que se iniciasse o systema da cacetada e da pancadaria, que ha pouco menos d'um mez ahi se manifesta por uma forma assombrosa. Foi preciso que viessem de fóra elementos de guerra para se semear n'esta infelicissima cidade a mais desenfreada perturbação da ordem publica, e as mais insolentes provocações á tranquillidade dos nossos concidadãos. Foi preciso assignalar-se n'este paiz a politica das perseguições, para que em Aveiro se lançassem os germens de uma dissolução social, que começa a affirmar-se prodigiosamente.

E para prova do que deixamos dito, basta saber-se que o crime é sempre insignificante na comarca, e que raras vezes apparece uma ou outra policia correccional. E essas mesmas são questões individuaes e não motivadas por perturbações da ordem.

Vamos narrar os successos de domingo—successos que pozeram em alarme um bairro importante da cidade, e que tem estendendo-se a toda ella, por maneira rapida e ameaçadora.

Na rua de S. Roque, estacionavam uns policias civis, seriam quando muito 7 horas da noite. D'um grupo de pessoas que estava á esquina da rua do Vento, saiu a palavra *cacete* repetidas vezes, sem mais considerações, sem phrases que podessem offender a moralidade publica, ou que tivessem sequer affinidade com gritos suoversivos. Os policias deitam a correr directos ao grupo, que, por uma circumstancia qualquer, dispersou immediatamente.

Apesar d'isso fizeram-se tres prisões. Appareceram os paes dos individuos presos, affiançaram-nos, e os policias acceitaram as fianças, sem tomarem nota por onde podessem depois averiguar quem affiançavam. Isto é: a policia prende; a policia acceita fianças; a policia solta; a policia faz e desfaz—faz tudo e não faz nada. Vae sem commentarios.

Depois d'isto, passava em direcção a esta rua um cidadão socegado, que se dirigia a sua casa. A policia embargou-lhe a passagem, ameaçando-o com prisão no caso de desobedecer a esta ordem! O cidadão, no uso pleno dos seus direitos, perguntou a rasão porque não podia passar, e porque o perguntou, foi preso.

Tinha-se reunido a este tempo um grande numero de pessoas, que protestaram contra a arbitrariedade, e que começaram a reclamar a liberdade do preso, tão rudemente esbulhado dos seus direitos. Cresceu a onda, foram arrastando o preso até a praça do peixe e pouco depois este mercado estava completamente cheio de povo. Compareceu o administrador, o commandante militar, governador civil, regedores, todas as auctoridades, enfim. O povo gritava que a policia tinha commettido um crime contra a inviolabilidade d'um pobre cidadão, que se dirigia tranquillamente a sua casa, e pedia providencias energicas contra a prepotencia da policia, que tinha desembainhado os alfanges, e dava a bom dar no povo inerme. A auctoridade assistia ao conflicto, sem cumprir o seu dever, prendendo os acutiladores do povo, que eram os unicos criminosos. Corria desenfreada a desordem, sem se ver termo áquelle revoltear medonho, que mais parecia o inicio d'uma revolução popular, do que um desforço justo do povo contra a pressão esmagadora d'um grupo de policias, pagos por esse mesmo povo, para garantirem a sua segurança e não para o acutilarem totalmente, como o estava fazendo n'aquella occasião.

O governador civil, ou não sabemos quem, tinha mandado vir uma força de 10 soldados, que foram postar-se junto da auctoridade, á cautella, como medida preventiva. Dizem-nos que n'essa occasião o capitão do 11 de infanteria perguntára ao governador civil se podia mandar carregar contra o povo, caso elle teimasse em querer livrar o preso, e que aquelle magistrado respondera:—se houver novidade mande carregar!

Não garantimos. Todavia o facto foi contado por um militar a um dos empregados das nossas officinas, e como tal o reproduzimos. Se assim foi, os nossos agradecimentos, sr. Mendes Leite.

Quando um homem, que nasceu n'esta terra, que tem por dever tractar com benignidade os seus concidadãos, por isso que foi embalado no mesmo berço, auctorisa a força armada a fuzilar o povo, seu irmão, nada ha mais a esperar, nem mesmo póde haver contemplações ou respeito, por quem tão insolitamente atraiçôa os mais elementares preceitos de patriotismo.

Mande fuzilar-nos, sr. Mendes Leite; mande carregar a tropa contra o povo, e que a estatua da liberdade vele a face envergonhada e cubra-se com o véu de crêpe o passado do antigo liberal.

Os policias continuavam na obra nefanda. Levavam arrastado o cidadão, violentamente preso, no meio de pontapés e cutiladas, de soccos e de palavras injuriosas, até á cadeia da cidade, emquanto o povo, em clamorosos gritos, bradava contra o silencio da auctoridade, que legalisava assim as imprudencias da policia. Na travessa do Caes foram atiradas muitas pedradas ao magote. Quebraram-se alguns vidros d'uma casa, e essa rua, e foi tão grande a pancadaria dada pela policia, nos que mais perto d'ella estavam, que um cidadão extremamente pacifico, que assistia d'uma janella aquelle infernal tumulto, desceu precipitadamente a escada, indignado, e tentou desforçar os desgraçados, que estavam sendo aggredidos pela policia.

N'esta rua foi o preso entregue ao administrador, que dizia com phrases commovedoras: faça-me você este favor, ora venha d'ahi para a cadeia, e sabirá amanhã. Repetia o illustrissimo: ora faça-me este favor!

A auctoridade pedia por favor a um cidadão, que nenhuma culpabilidade tinha, que fosse preso. Por outra: você tem razão; mas venha passar uma noite na cadeia. E só uma noite! E isto é sério? E' isto digno?

N'estes termos, chegava aquelle oceano de gente ao largo municipal, onde a guarda estava já reforçada, de bayoneta calada, prompta a carregar contra o povo! A força, brutalmente, estupidamente arrastado pela escadaria do edificio, foi atirado para a enxovia o pobre preso, que é um dos cidadãos mais honrados, mais pacificos e mais bem comportados da nossa beira-mar! O administrador houve por bem, na alta sabedoria d'aquelle cerebro tão bem organisado, metter-se atraz do cortejo de bayonetas, que formou na abertura das grades do edificio, e de lá discursava ás massas, aconselhando-as a dispersar sem perda de tempo, sob pena de usar de meios mais violentos!

Levantavam-se vivas á Republica, murras ás auctoridades, ao governo e á policia, que acutilava o povo, e algumas pedradas foram, segundo nos disseram, amachucar a cartola do administrador.

Os soldados, que não estavam de guarda, atiraram algumas pedradas ao povo, e um militar, que não conhecemos, atirou com uma vassoura a cara d'um individuo, ferindo-o no olho esquerdo.

Agora umas singelas perguntas ás auctoridades d'esta terra:

Onde estamos nós, senhores? Para onde nos arrastam n'este caminho? Estamos por acaso em terra de cafres, ou n'alguma povoação selvagem, onde triumpha impunemente o direito da força? Caminhamos porventura, para aquella situação anormal em que é preciso responder á brutalidade com o cacete, ás provocações da força armada com uma tranca ou com um bacamarte?

Vejam lá. Se tem ahi a policia para acutilar o povo, não extranhem depois que o povo faça n'um molho as costas da policia. Se não é para manter a ordem que ella ahi pimponeia as catanas, que faz então essa gente? Mandem-n'a para Coimbra, e deixem-nos em paz, que o nosso povo é cordato, e não precisa de policia extranha, que longe de o aconselhar vem promover disturbios e espalhar a discordia n'esta terra.

Se querem ter policia, organisem um pequeno corpo, compativel com os recursos da cidade. Façam policias do nosso povo, que se conhece, que póde intervir com moderação em qualquer conflicto, que casualmente se levante; aconselhando, separando, mas não aggredindo de proposito. Nomeiem policias na nossa terra, e não estejam a pagar a gente de fóra, que venha espadeirar o nosso povo, que venha provocar graves desordens a esta pobre terra tão socegada, tão trabalhadora. O dinheiro que se está dando aos que vieram de proposito, talvez, para espancar o povo, pode dar-se a filhos d'esta terra, que conhecem todos os seus concidadãos, que podem acalmar com prudencia, com amizade e cordura, qualquer excitação publica.

Mas isto é o que não convem. Estamos no reinado da pancadaria. E' mister seguir a lei fatal da evolução. Chegamos ao periodo em que tem por força de repetir-se, na chronologia, o anno de 1846—o anno da bordoada, e dos Cabraes. E' inutil resistir á fatalidade dos acontecimentos. E' loucura impormo-nos á inexorabilidade do destino.

Não lhe fugimos. Quer sejamos pacientes, quer não, estamos sentenciados: havemos de aguentar-nos com o despotico dominio do cacete.

O que resta provar é se o povo se submetterá voluntariamente, ou se o feitiço se voltará contra o feiticeiro.

Um conselho, pois, ás auctoridades:

Tenham juizo! tenham juizo!

Diz o *Seculo*:

«Sempre roubos, sempre desleixos, sempre mandria e sempre cynismo.

O commercio do peixe é actualmente em Lisboa importante: porém a companhia dos caminhos de ferro do norte escolhe alguns empregados á guiza do governo portuguez.

Nós dizemos simplesmente a verdade. Despacham-se algumas canastras de peixe, pesam-se no acto do recebimento, e depois são entregues sem medida, com grande falha, sem que haja alguem que se responsabilise pelos roubos.

Ha remessa de peixe em que a falta é superior a novo mil reis.

Capricham os expedidores do peixe em o acondicionar para chegar em bom estado ao seu destino. Deitam-lhe sal fresco, arrumam-n'o convenientemente, comprando esteiras, e até folhas de couve, para depois ver com desgosto nos moços insolentes e boçaes atirarem com as canastras sem dó nem (consciencia) e quando alguem se queixa dos maus tratos que dão a fazenda, responde-lhe—como o chefe da estação da Mealhada—levante a remessa se quer e se não quer deixe-a ficar.

Portanto pedimos providencias á companhia, certos de que não lamentaremos em vão a nossa infelicidade.

Acompanhamos o nosso collega nas suas considerações, e pedindo á companhia que providenceie. Quem confia as suas mercadorias aos caminhos de ferro, não deseja de certo vel-as estragar por ahi atiradas violentamente nas estações. Providencias, pois, srs. da companhia.

No dia 9 do corrente, pelas 3 horas da tarde, pouco mais ou menos, no esteiro que corre entre as marinhas de S. Roque, andaram 30 policias civis a nadar em completo estado de nudez. Passaram por alli varias pessoas e entre ellas algumas mulheres, que tiveram d'escender-se, para não verem o immoralissimo facto. Em plena tarde, portanto, a policia commetteu um crime de lezamoralidade, essa gentil policia que acutila o povo e que prende os cidadãos honrados, pelo grande crime de se dirigirem para suas casas!

Queremos que a auctoridade competente, se abalie a auctoridade para estas cousas, promova immediatamente o justo desaggravo, que a sociedade exije. Estamos no direito d'exijir que se dê uma satisfação á moralidade publica, e emprazamos a pessoa a quem compete a que cumpra sem delongas o seu dever.

O facto que acima narramos, não precisa de mais commentarios. Apontamos como testimunhas d'elle os srs. João de Pinho Vinagre, casado, marinheiro, João Rodrigues da Paula, solteiro, marinheiro e mercantel, e Maria, filha de Manuel Bispo, todos da beira-mar d'esta cidade.

Quererão mais informações os srs. da auctoridade publica? Serão poucas as que acima lhe damos?

Procedam, pois, contra aquelles cinco policias, sob pena de voltarmos ao assumpto ou de nos queixarmos a quem superintende n'este ramo de justiça.

Está ainda na cadeia o cidadão, que foi preso no domingo por tentar ir para sua casa sem pedir licença á policia. Lamentamos este facto. Sentimos profundamente que se tenha sob prisão um homem honrado, que precisa trabalhar para comer, e que por uma prepotencia sem egual, está privado de exercer a sua profissão, só porque se dirigia socegadamente a sua casa.

Quer-nos parecer que é isto uma injustiça grave, flagrante, que revolta toda a gente, e pedimos a quem compete que providenceie de forma a tornar effectivo aquelle cidadão o direito da liberdade, que em tempo nenhum se estranhou.

Alguem houve, que esperava hontem a repetição das scenas de domingo. Por essa razão estiveram de prevenção a cavallaria, a infanteria, e na Alfandega uma força de 20 praças, commandadas por um alferes.

Ou nós nos enganamos muito, ou esta gente está toda doida!

Para que são, n'uma terra como Aveiro, estes espectaculos de força? Que é isto? Que faz este pobre povo para que o condemnem á injuria de andar escoltado por toda a parte? Escutem-se a si, se teem medo, mas deixem o povo em liberdade! Façam-se guardar pelos sabres da policia, pelas baionetas dos lanceiros, ou pelas bayonetas da infanteria, se teem medo, mas respeitem a hombridade e a nobreza de sentimentos do nosso povo. Não o provoquem, não o amaçacem, não o insultem. Se não teem força para manter a ordem, sem os apparatos da força bruta, demittam-se. Não se rodeiem de bayonetas, que ninguem os persegue, ninguem ultrapassa os limites da razão e da cordura. Não estejam a dar o tristissimo espectaculo que ahi presenceamos todos os dias. Para que serve a força armada n'uma terra como Aveiro? Mandem por fóra a policia que não é de cá, e verão como se restabelece a paz e o socego n'esta pobre terra.

Se gostam das correrias bellicas peçam ao sr. Fontes um novo campo de manobras, e elle providenciará de maneira que terão em Taucos espectaculo gratuito. Mas deixem-nos, deixem-nos em socego, que não é Aveiro terra para estes desconchavos.

Demittam-se, demittam-se, que é mais decente e mais nobre.

Post tot tantosque labores, chegou em fim a licença ao sr. Silva, aspirante da repartição telegrapho-postal d'esta cidade. Não sabemos nem queremos saber os motivos porque a licença se demorou. São segredos esses, que não é dado a mortaes descortinar. O que nos compete, todavia, é declarar, por honra da justiça, e que o dignissimo administrador do correio do Porto, tem sido extraordinario em tudo isto. Concedeu a licença immediatamente, logo que lhe foi requerida pelo aspirante. O requerimento devia ter sido entregue no dia 3 ou 4, e não foi, pelo que vemos. Só a chegou na segunda-feira, facto que não podemos deixar de extranhar.

Lamentamos que assim se tenha deixado de fazer justiça a quem a merece por todos os titulos e, principalmente, pelo seu melindrosissimo estado de saude.

Ao sr. administrador do correio do Porto, enviamos os nossos sinceros agradecimentos, pelo testemunho da consideração que nos merece quem sabe pôr o seu dever e a sua hombriedade, acima de todas as sugestões.

SALUSTIO

REVISTA ESTRANGEIRA

Por falta de espaço não damos hoje logar á nossa revista, publicando em seguida os telegrammas:

Londres, 14.—Ainda não foi assignada a convenção militar anglo-turca.

— Os inglezes resolveram formar uma 3.ª divisão para ir ao Egipto.

A convenção da Turquia propõe que a expedição anglo-turca evacue o Egipto ao mesmo tempo depois de restabelecida a ordem.

Malta, 12.—Sir Garnet Wolseley partiu d'aqui e chegará a Alexandria no dia 15.

Constantinopla, 12.—A convite da França todos os embaixadores fazem actualmente pedidos á Porta com respeito á agitação hostil para os christãos que existem na Syria e outros pontos da Turquia.

A França adhere á proposta da Italia com respeito á protecção do canal de Suez.

Madrid, 10.—A Hespanha informou a Allemanha de que mandou partir immediatamente de Port Said e Suez uma fragata, uma canhoneira e uma corveta.

Devem chegar brevemente ao Egypto novos vasos de guerra dos Estados-Unidos.

Londres, 11.—Sir Carles Dilke disse hoje á camara dos deputados que a convenção feita com o Egypto para a liquidação da sua divida; constitue um compromisso que o governo não pode modificar.

Declarou tambem que não ha celebrada nenhuma convenção militar com a Sublime Porta-Sladstone annunciou o addiamento da camara desde 18 d'agosto até 24 de outubro.

Madrid, 11.—Chegou hoje de Alexandria a corveta hespanhola *Turnado*.

Irá para Port-Said para substituir a fragata *Carmen* á qual regressará a Alexandria d'onde irá provavelmente á Syria se continuar ali a agitação.

A fragata *Zaragoza* permanecerá em Port Said.

A *Turnado e Consuelo* vigiarão o canal.

A *Maria de Molina* que já recebeu ordem de partir das Philipinas para Suez ficará vigiando a embocadura do canal.

MENSAGEM

Damos em seguida a mensagem entregue ao rei de Portugal pela commissão, para que foi nomeada, nos dois imponentes comicios realisados em Vizeu a 14 de maio e 21 de junho do corrente anno.

E' a que segue:

SENHOR:

Os cidadãos abaixo assignados, por si e em nome dos cidadãos reunidos em dois grandes comicios districtaes, realisados n'esta cidade nos dias 14 de maio e 21 de junho, teem a honra de solicitar a benevola attenção de Vossa Magestade para as seguintes considerações:

Senhor! E geralmente sabido que os monarchas não percorrem os seus estados por mero recreio pessoal, por simples curiosidade ou capricho, senão para inquirirem directa e pessoalmente das necessidades publicas e procurarem os meios de as remediar.

Assim procederam, sempre os augustos predecessores de Vossa Magestade e nomeadamente o sr. D. Pedro V, de saudosa memoria.

Convencidos de que assim é, e de que assim deve ser, julgam os signatarios que cumprem um dever de bons cidadãos e acatam os interesses da nação, repetindo agora as affirmações que o brioso povo da Beira Alta já formulou nos seus comicios e nas representações que fez subir ao throno de Vossa Magestade e ao parlamento.

Lamentam elles que esteja á frente dos negocios publicos um governo que, subindo ao poder por meios anormaes, para logo suscitou contra as suas normas de governar taes e tamanhos clamores, que só a lenidade dos nossos, costumes e a indole pacifica do povo portuguez é que teem obstado a consequencias lamentaveis.

A' sombra da politica dos actuaes conselheiros da corôa, desfallecem as instituições minadas pelo egoismo, o thesouro empobrece a olhos vistos á mingua de economia e zelosa fiscalisação dos dinheiros publicos; a anarchia campeia, desenvolta em todos os ramos da administração, e para que ficasse bem evidente o maximo desprezo pela pureza dos preceitos constitucionaes, não duvidou o governo exercer por largo trecho uma dictadura desnecessaria, esteril e perigosa.

E, em quanto o governo pratica taes desatinos, o contribuinte é esmagado por duros e vexatorios impostos, nomeadamente os que incidem sobre o pão, sobre a luz e sobre o sal, ao passo que a divida fluctuante assome proporções assustadoras, o *deficit* augmenta de dia para dia, e o dinheiro portuguez é applicado, para a construcção de dois troços de caminho de ferro na Hespanhal

N'estas circumstancias o povo, Real Senhor, não pode esconder as suas magoas nem calar as suas queixas contra o governo. Agita-se, porque tem fome, amofina-se, porque não encontra justiça; lastima-se pela sorte das instituições e entristece-se porque não pode ver a olhos enxutos o espectaculo da fome, que avança e da liberdade, que expira.

Os abaixo assignados não alongam esta exposição, porque não desejam repetir factos que Vossa Magestade conhece de sobejo, mas entendem que é do seu dever chamar a attenção de Vossa Magestade para o estado cahotico da administração n'este districto, por ser esta a parte que mais lhes interessa.

Senhor! Sem motivo plausivel, nem justificação legal estão suspensas por um accordam do conselho de districto as deliberações tomadas na ultima sessão da junta geral.

Os trabalhos de viação districtal vão paralisar por falta de meios, visto que cessaram por aquelle abusivo accordam as faculdades da junta para os levantar.

Jazemos nos tribunaes administrativos, á espera de solução sempre addiada, recursos sobre recursos, interpostos dos accordãos do conselho de districto, proferidos com o fim unico de cercear os poderes dos eleitos do povo e embaraçar a administração districtal.

Commetteram-se attentados inqualificaveis contra a autonomia da junta geral manifestamente promovidos pela auctoridade superior do districto, attentados que o governo não quiz reparar, a despeito das solicitações reiteradas do povo, na imprensa e no parlamento.

Duas vezes a junta geral propoz a lista do conselho de districto, que devia funccionar desde janeiro findo e ainda hoje espera pela nomeação do governo.

Estes factos e muitos outros que poderiamos citar, ao passo que reclamam justiça immediata, estão demonstrando que n'este districto nem se respeita a lei, nem se garantem as liberdades do cidadão e do eleitor.

Por isso e pelo mais que a provada intelligencia de Vossa Magestade por certo supprirá, ousam os abaixo assignados declarar a Vossa Magestade, que, para que cesse de vez a anarchia constitucional que vae n'este districto e no resto do paiz, só ezcontram um de dois meios—ou a emenda do governo ou a sua demissão.

Entretanto Vossa Magestade, que é o mais interessado em manter o systema constitucional na sua maxima pureza, resolverá na sua alta sabedoria o que tiver por melhor.

Vizeu, 7 de agosto de 1882.

Dr. José Simões Dias.
Commendador José Maria de Sousa Macedo.
Dr. Eduardo Correia de Oliveira.
Commendador Antonio Correia de Sousa Montenegro.
Dr. Maximiano Pereira da Fonseca Araújo.
José Maria David e Cunha.
Sebastião da Silva Pereira.
Marcellino Cardoso.
Antonio Ribeiro de Carvalho.
Antonio Ribeiro Guimarães.
Antonio Henriques da Cruz.
José Augusto da Cunha Coelho e Campos.
Fernando da Silva Novaes.
Henrique de Barros.
João Lopes Ferreira da Cunha.
Antonio d'Almeida Dias.
Antonio Paes de Figueiredo.
Abel Soares da Silveira.

Bem procedem os que sabem protestar contra a serie ininterrompida de torpezas praticadas pelo governo, e os que põem acima de tudo os sentimentos do patriotismo e da dignidade nacional.

ECCOS DA IMPRENSA

Do *Primeiro de Janeiro*:

E' uma *nota*... mas uma nota discordante! E' a nota da divida fluctuante, que o *Diario do Governo* publicou, referida a 31 de junho proximo passado. Diz assim:

Escriptos do thesouro á ordem da caixa geral de depositos	1.480:000$000
Escriptos do thesouro á ordem de bancos e particulares	1.086:500$000
Letras no estrangeiro, lb. 200:000	000:000$000
Em conta de credito por contracto de 9 de maio de 1879, 26.018:405$40 francos	
	8.140:812$070

N'estes ultimos mezes, a divida fluctuante, que denuncia o crescer do desequilibrio do thesouro, tem tido um augmento de cerca de 3:000 contos. Esta nossa velha conhecida, tantas vezes consolidada e excommungada, e outras tantas acariciada e renascida, vai novamente de foz em fóra, e promette ultrapassar no fim do anno a somma redonda de 10:000 contos. E' uma bonita somma, prenuncio de uma consolidação em curto praso, a qual será tambem causa inevitavel de novos impostos! E' espantoso, é immensamente desagradavel, mas é a triste realidade das coisas.

O rendimento das alfandegas diminue a olhos vistos, não só por causa do retrahimento geral, que se observa nas trasacções do commercio, como pela antecipação de despachos, e pagamento de direitos, a que deram logar as propostas financeiras, apresentadas e votadas na sessão legislativa do corrente anno. E como é tambem este semestre aquelle, em que as receitas mais escaceiam para o thesouro, segue-se que a divida fluctuante irá crescendo rapidamente, denunciando no seu crescer a existencia de um enorme desequilibrio financeiro. A divida fluctuante é, por assim dizer, a aferição do *deficit*. Podemos estar descançados, ella continua sem novidade em sua importante saude, tomemedrando como quem quer corresponder em pujança aos carinhos, com que é alimentada.

Uma das rasões, por que sinceramente desejamos a conservação do actual governo, é o desejo, talvez pouco caridoso, que nutrimos, de ver o sr. Fontes dar contas ao parlamento da sua gerencia financeira. Prometteu acabar com o *deficit*, e para isso lançou 2:400 contos de impostos; jurou que o *deficit* não mais renasceria, se lhe dessem os meios, que pediu, para o extirpar. O parlamento tudo lhe approvou, e as providencias financeiras de mais alcance já estão em execução. Não obstante, e apesar da importante antecipação de direitos, a divida fluctuante vai crescendo, crescendo, por um modo, que seria verdadeiramente assustador, se homens de tão fina tempera podessem assustar-se com tão pequenas coisas!

O rapido augmento, que ora teve a divida fluctuante, foi motivado pela necessidade de se pagar o *coupon* da divida externa. Como o dinheiro se distrahe para outras coisas, forçoso é recorrer á divida fluctuante; que mais tarde se consolida ficando a pezar perpetuamente sobre o paiz. Depois vem o tanjgmento de impostos... D'onde ha de elle sair? E assim temos andado e continuamos andando, sem ter a coragem para as grandes e beneficas reformas, de salvação publica!

Não diremos agora o que o actual governo tem feito para aggravar este estado de coisas. A occasião, toda de festas e saudações, não é casada para isso. A liquidação de tantos erros a seu tempo virá. O tirano persa, no assentar-se á meza dos banquetes, tinha ao pé de si um servidor, que lhe dizia: Dario, lembra-te, que has de morrer! Nós tambem, presumindo que o sr. presidente do conselho de ministros se esqueceu de prover, igual cargo, dir-lhe-hemos: Sr. Fontes, lembre-se do fruto dos novos impostos, que se some, e da divida fluctuante, que cresce!

Do *Diario da Manhã*:

BOLETIM POLITICO

Parece que timbra o governo, ou melhor, o ministro da guerra, em desconsiderar o exercito nos seus membros mais distinctos.

Hontem, esse triste caso da prisão official na Ajuda; hoje, segundo os jornaes do Porto o revelam, sem desmentido de parte alguma, o maior vexame soffrido pelo bouradó e valente general, que esta á testa da terceira divisão militar, o sr. conde de Torres Novas.

Como se sabe o governo nomeou o sr. general Rego para o commando interino da divisão, continuando o sr. conde na propriedade d'esse commando.

Ao que parece, não se contentou o sr. Rego com a interinidade e tratou logo desde o principio de desconsiderar o velho general, invertendo as suas ordens.

Não são infelizmente isolados os factos que se teem dado. O sr. general Rego, pela sua fórma de proceder, deu logar a que o sr. general Furtado pedisse a exoneração do commando da brigada, a que a pedisse tambem de um cargo que exercia ha 30 annos, um official distinctissimo e muito conhecido no exercito, o sr. Serpa Pinto, chefe d'estado maior, e emfim a que o sr. conde de Torres Novas, tivesse por tão repetidos casos, pedido ao ministro da guerra uma reparação condigna.

Não bastava isto porem. Temos agora a aggravar as circumstancias esse ultimo facto succedido no Porto, em que ainda não quizemos tocar, na esperança de ver o desmentido pelos jornaes do governo.

E para que não se diga que podemos alterar-o na nossa descripção, damos a palavra a um correspondente do Porto, que o conta assim para um jornal monarchico de Lisboa:

«Hontem, por occasião da recepção a suas magestades deu-se um facto que deve ter desgostado profundamente o velho general conde de Torres Novas.

E o caso que s. ex.ª mandára os seus ajudantes esperar a familia real, ordenando-lhes que, no cortejo, se encorporassem no estado maior do sr. general Moraes Rego. Este porém, em Campanhã, mandou-os tomar logar como estribeiros, ao que elles retorquiram referindo as instrucções que tinham do seu general. O sr. Moraes Rego, não obstante isso, mandou-os intimar pelo chefe de estado maior que obedecessem, o que fizeram.

Chegados, porem ao quartel general, referiram o succedido ao sr. conde de Torres Novas, pedindo em seguida a demissão dos seus logares, visto a descousideração que s. ex.ª havia soffrido na pessoa dos seus ajudantes. O venerando militar, profundamente sensibilisado com este acontecimento, não acceitou a demissão pedida pelos seus ajudantes.»

Custa-nos ter de commentar estes factos. Nem no proprio interesse partidario, nos agrada fallar em desconsiderações feitas pelos governos aos homens mais honrados e mais venerandos do exercito portuguez.

Cheio de serviços ao rei e á causa monarchica, com 80 annos de vida e 60 de trabalho e de lealdade militar, tinha direito o velho soldado ao respeito d'aquelles que teem ou fingem dedicação pela causa liberal.

Como se vê, poz de parte o governo todas estas considerações e insultando o exercito, insultou ao mesmo tempo a cidade do Porto, que venera no illustre velho, a lealdade, a honradez e a valentia.

Publicamos em seguida uma especie de relatorio das arbitrariedades praticadas pela maioria do tribunal do conselho de districto de Castello Branco.

E' triste que d'esta forma se supplante a justiça e a moralidade para servir interesses particulares.

Estamos já tão habituados aos escandalosinhos, pelos quaes o partido governamental no districto de Castello Branco affirma a sua existencia politica que nem já nos assomos de indignação nos causam as suas prepotencias e arbitrariedades.

Vamos contar o que ultimamente se tem passado no tribunal do conselho de districto, onde a lei é calcada aos pés, substituida pelos caprichos do governador civil substituto e de dois vogaes do conselho, sempre promptos a votarem tudo quanto julgam a bem da sua causa.

Tem o partido de todos os governos interesse em conservar procurador á junta geral um seu correligionario, de fresca data; porque foi o seu voto que lhes deu maioria na ultima sessão da junta geral.

Este procurador soube-se em maio que era sobrinho de um outro procurador, que foi mais votado; e apresentada á junta geral a incompatibilidade entre os dois, decidiu esta, por maioria, que era incompetente para conhecer da materia, e deliberou mandar ao secretario geral interino, Guedes, os documentos comprovativos do parentesco, para recorrer se assim o entendesse.

Sabia o sr. Guedes, que dois dos vogaes do conselho de districto eram de opinião que o procurador menos votado não podia funccionar em vista do disposto no artigo 40 do codigo administrativo, e receava que o sr. governador civil effectivo fosse da mesma opinião; por isso não recorreu em quanto esteve á testa do districto o sr. governador civil substituto. Guedes já contava com tres votos para lhe indeferirem o recurso!

Mas o caso urgia, era necessario matar quanto antes a questão no conselho de districto: podia ser nomeado um secretario geral serio, podia vir occupar o seu logar o sr. governador civil que está ausente, e toda a demora no processo era prejudicial. Mãos á obra que não ha tempo a perder.

Guedes, esse funccionario que tão pouco sabe cumprir com os seus deveres, e que tantas irregularidades tem na sua vida de empregado, enche-se de zêlo pelo serviço, e eil-o apressado, recorrendo em 18 de julho das deliberações tomadas ha mais de dois mezes pela junta. O sr. Ribeiro, a quem teem ensinado que em politica não ha dignidade, distribue o processo incompetentemente ao seu *amigo* Telles, e saltando por cima da lei manda por sua conta e risco ouvir contraditoriamente as partes, sem que este acto fosse deliberado em conselho de districto, e Telles, o duas vezes renegado, para adquirir a confiança dos seus novos correligionarios politicos, reserva para si o papel de defensor de todos os escandalos e illegalidades.

Distribuidos assim os papeis apresenta-se pela primeira vez em 26 de julho o processo, já prompto para julgamento, incompetentemente distribuido e já com a resposta contraditoria das partes; e Telles, o purissimo, e casto educador de meninos innocentes, de intelligencia com outro vogal do mesmo conselho, apresenta um projecto de accordam indeferindo o mesmo recurso.

Recusaram-se como era natural e proprio de homens que prezam a sua dignidade os dois vogaes do conselho os srs. Morão e Sanches a votarem o indeferimento do recurso sem terem conhecimento do processo que viam pela primeira vez; e por isso pediram vista do processo para o estudarem convenientemente. Os srs. Telles e Guedes não queriam que se lhes desse vista; tinham o maximo empenho em ver decidida n'aquella sessão o recurso.

Emfim, depois de grande lucta, o processo foi para as mãos do vogal do conselho o sr. Morão, que na sessão seguinte pediu certidões e documentos para o instruir e formar assim uma opinião segura.

Mal suspeitava o sr. Morão, que o seu louvavel desejo de acertar a levantar sobre a sua cabeça uma tempestade, incorrera no desagrado da maioria, soffreria as consequencias do seu atrevimento.

Pretenderam em sessão obrigal-o a apresentar o processo, e porque o não levara comsigo, Guedes requer que seja intimado administrativamente a entregal-o dentro de 24 horas, pede o indeferimento do seu recurso não se entregando o processo n'um praso certo! e Telles o seratico esbraveja, barafusta, implora e depois... depois não houve sangue nem desgraças a lamentar.

O sr. Morão recebeu em casa a intimação administrativa para entregar o processo dentro de 24 horas, e na mesma occasião recebeu os documentos que pedira.

Agora pretenderam tirar o sr. Morão do conselho de districto communicando-lhe em officio que terminaram as suas funcções como conselheiro de districto, por ter sido chamado um vogal effectivo.

O sr. Morão que soube que o vogal effectivo declarou que não voltaria mais ao conselho de districto, julgou que por ter tinha direito continuar a ir as sessões; officiou n'este sentido ao sr. governador civil substituto, e lá estava na ultima sessão. Guedes quando o lá viu ainda teve coragem para propor ao conselho que julgasse se o sr. Morão ahi estava legalmente: mas o sr. Ribeiro teve o bom senso de não sugeitar esta proposta á deliberação do mesmo conselho.

Não commentaremos as tantas arbitrariedades praticadas pela maioria do tribunal do conselho de districto de Castello Branco lastimamos apenas que estes homens obsecados por uma paixão que os domina, sacrifiquem a justiça e a moralidade a interesses de uma politica facciosa e sem principios.

Do *Districto da Guarda*:

REI E POVO

Vão passadas as folganças da recepção real, e ninguem dirá que d'ellas reste outra recordação mais sensivel do que a que ha de traduzir-se n'um novo aggravamento tributario. O monarcha veio junto do povo, mas infelizmente não curou d'indagar necessidades, de remediar males, de pôr termo a abusos. Não imitou aquelle bom rei de França, que sob uma arvore frondosa, ouvia as queixas de quem se lhe acercava, e dava remedio prompto fazendo a todos justiça recta. Nada. O monarcha portuguez atravessou parte do seu reino, rapidamente, embalado no commodo balanço dos fofos coxins d'uma rica carruagem-salão, e quando se acercava do povo, nos curtos minutos de demora nas estações, não era para imitar o seu santo homonimo gaulez, era para corresponder com uma mesura amavel, as saudações dos enthusiastas. Por isso dos seus subditos ficou sabendo, apenas, que tinham pulmões fortes, e que havia alguns muito gulosos d'osculos na regia mão.

Foi tudo.

Por seu lado o povo esqueceu as suas necessidades. Não se dirigiu ao rei como a um pae, pedindo-lhe remedio para as fundas torturas, o desconforto, da sua existencia amargurada. Não impetrou a justiça que necessita. Olvidou completamente as agruras da sua vida para só cuidar nas acclamações ruidosas. E d'aqui resultará fatalmente, logicamente, uma cousa: em vez de conservar d'el-rei a lembrança eterna d'um acto carinhoso d'affecto, bem gravado no coração, conservará apenas, na cabeça, a lembrança da farda d'almirante que o monarcha trajava! E será triste que em vez do amor, por o bom soberano, fique apenas a admiração por o brilhante official da armada!

Eis, resumidamente, os resultados obtidos com esta approximação entre o monarcha e o povo.

Que pena!

Tudo estaria assim bem se tudo podesse continuar assim. Como não póde, a realidade, que é uma velha muito rabugenta, muito triste e muito teimosa, vira dentro de pouco afugentar as illusões tanto do paço real como da choupana do pegureiro. As suas palavras então echoarão sinistras, como dobre funerario no final d'um dia alegre, todo scintillante d'uns bons raios de sol quentes e dourados. Ha de ser triste mas será inevitavel. E' a lei fatal. Depois da hora alegre vem a hora triste. Depois da illusão ha o desengano. A bonança é cortada por a tempestade.

E é precisamente a tempestade que se acerca creiam, cheia d'ameaças terriveis e de fulgores estranhos.

Pois que!

Cuidou por ventura o governo que conseguia assegurar a sua ingloria e vergonhosa vida; que a tranquillidade renascia em todas as consciencias; que a alegria inundava todos os corações; que os espiritos ficaram todos serenos; que desappareciam todos os motivos de queixa e disposições para a lucta aberta e renhida, simplesmente porque entre o rei e o povo se trocou uma rapida saudação de respeito e affecto?

Engana-se.

O paiz sabe que se creou de proposito para anichar afilhados, uma caixa de depositos que absorve larga parte dos reditos publicos,—não esqueceu isso,—simplesmente porque o rei se deu ao trabalho de percorrer uma parte dos seus estados.

A nação sabe que os ministros actuaes, quando na opposição, clamavam contra o imposto de rendimento, por barbaro e iniquo em certas disposições,—e porque el-rei veio a Villar Formoso não esquece que esses mesmos homens, mal chegados ao poder, revogaram o que n'esse imposto tinham declarado bom e conservaram o que denominavam falta á fé dos contractos?

O povo sabe que declararam que concessões de caminhos de ferro sem concurso faziam suppôr sempre encoberta ladroeira,—é porque el-rei veio a Figueira póde porventura olvidar que este ministerio mal chegou ao poder se deu pressa em celebrar a tratada de Torres?

Pois porque el-rei foi enthusiasticamente saudado aqui na Guarda, póde se esquecer que o governo levou a sua maioria a votar 2:700 contos para a construcção de caminhos de ferro em paiz estrangeiro?

Então por o sr. D. Luiz receber em Vizeu provas de consideração dos partidos militantes, podem ali relevar o governo da responsabilidade da creação de antypathicas medidas de fazenda, com que tenta sugar o ultimo ceitil para empregar na ultima extravagancia?

Pois porque el-rei veio a Mangualde, póde esta localidade deixar de recordar-se que foi roubado ao seu legitimo representante o diploma de deputado, á custa de mil traficancias indignas?

E' crivel que por o monarcha ser saudado affectuosamente em Lamego, esquecesse a todos, que nos arrabaldes d'aquella cidade correu o sangue em holocausto aos arranjos ministeriaes?

Não e não!

A energica lucta contra este governo não esfriará. A palavra de ordem nas nossas fileiras continua a ser a mesma: Avante.

A bandeira do partido, progressista proseguirá desfraldada convidando todos os bons patriotas a agruparem-se em volta d'ella na lucta contra os escandalos, contra os esbanjamentos, contra as delapidações, contra os nepotismos. O descanço na propaganda e na lucta só póde vir depois do triumpho, só póde vir depois que as reformas politicas nos deem garantias contra futuros abusos e burlas!

Até então seguiremos sempre para a frente. Rei e povo podem contar comnosco.

Correio do Sul

Lisboa 14 de agosto.

O correio inglez, reconhecendo as vantagens que offerece a ligação rapida de Lisboa, por Valencia de Alcantara, com Madrid, e por tanto com os outros pontos da Europa, vae aproveitar o transito accelerado da nossa capital para a do reino visinho por aquella via, para as suas malas da America do Sul.

D'este transito já principiou ha tempos a aproveitar-se o correio de Italia, e nos principios do proximo mez de setembro o correio francez principia a encaminhar pela mesma via as correspondencias do Senegal com destino á França, trazidas nas viagens de regresso pelos paquetes das Messageries Maritimes.

Por aqui se vê que os estrangeiros com o seu enorme senso pratico vão aproveitando as vantagens que lhe offerece o porto de Lisboa pela sua posição excepcional e pela rapida communicação que hoje já possue para o interior da Europa.

Que beneficios incalculaveis não adviriam, pois ao paiz e á capital, se além da facilidade de communicações que Lisboa já possue, e que os estrangeiros vão aproveitando para a transmissão das suas correspondencias, o seu porto fosse tambem dotado de todos os melhoramentos de que carece e que completassem as circumstancias, as condições excepcionaes de que a natureza o dotou, e que os estrangeiros procurariam de certo de preferencia a outro com o seu commercio e o seu trafico.

Consta que vão ser remettidos para o Porto marcos postaes para serem collocados nas praças publicas e largos, como ha já alguns nas de Lisboa com grande commodidade do publico.

Parte no dia 15 para Paris o sr. Laboulaye, ministro de França na corte de Lisboa.

Falleceu, pouco depois do meio dia, a ex.ma sr.ª D. Hermelinda Augusta d'Almeida Monteiro, sogra do digno juiz o sr. Miguel Osorio Cabral, e viuva do sr. José da Costa Monteiro; foi victima d'uma aneurisma do coração, e d'uma anazarca.

Era natural do Porto, e contava 66 annos de edade; estava doente ha muito tempo, e residia na rua da Emenda n.º 5, 2.º andar onde fez testamento, deixando a sua terça, á sua neta a ex.ma sr.ª D. Maria Emilia Osorio Cabral.

Os seus herdeiros necessarios são os seus tres filhos, D. Maria Carolina d'Almeida Osorio, João José da Costa Monteiro.

Deixa 50 missas por sua alma e de todos os seus.

Não reuniu na sexta-feira a direcção da associação commercial para resolver acerca de diversos assumptos sobre o que o commercio reclamava. Reuniu no sabbado.

O sr. professor Lopes Pacheco propoz na quinta-feira na associação dos professores primarios a inauguração na sala da associação dos retratos dos ex-vereadores do pelouro de instrucção os srs. Elias Garcia e dr. Luiz Jardim, e que esta inauguração fosse feita em sessão solemne, convidando a imprensa e todos os benemeritos da instrucção.

A proposta foi lisongeiramente acolhida.

Para consumo do nosso mercado vieram na sexta feira de Montevideu pelo vapor *Valparaiso* 3500 saccos de milho, na importancia de 5:900$000 reis.

Trouxe tambem 913 saccos de trigo.

Falleceu na sexta-feira a mãe do sr. conselheiro João Paes de Vasconcellos, governador geral de Cabo Verde.

O primeiro conselho de guerra permanente da 1.ª divisão militar occupou-se na sexta-feira de uma das maiores iniquidades que n'estes ultimos tempos se teem dado em materia de recrutamento. Conta assim o caso, o nosso collega o *Diario de Noticias*:

Firmino Quaresma, natural de Figueiró dos Vinhos, assentou praça como voluntario em caçadores 6, em outubro de 1872, mas em consequencia do seu precario estado de saude, teve baixa do serviço por incapacidade physica, assim julgada pela junta militar de saude, em março de 1874. Regressando á terra da sua naturalidade, onde as auctoridades não ignoravam do seu alistamento, porque elle foi levado em conta no contingente do concelho do anno respectivo, em agosto de 1879 obrigaram-o novamente a assentar praça como recrutado, pertencendo ao contingente de 1877 do mesmo concelho de Figueiró dos Vinhos!

Firmino Quaresma apresenta-se na administração do concelho com a sua baixa do serviço, reclamando contra similhante illegalidade, e ali pedem-lhe este documento, dizendo que era para o enviarem á estação competente a fim de se fazer justiça, o que o pobre rapaz ingenuamente acreditou. Escusado será dizer que a justiça feita foi mandar apresentar Quaresma na junta de revisão, que o deu como prompto para o serviço, apesar d'elle ter o pescoço com o dobro do volume normal em virtude de escrophulas perfeitamente visiveis ao maior profano na sciencia medica. Seguidamente foi mandado apresentar em caçadores n.º 1 e ali foi alistado, em 8 de agosto de 1879, como soldado.

Não soube o seu commandante de companhia d'estes antecedentes e não os levou logo ao conhecimento do commandante do corpo para este reclamar justiça como devia? E' o que ignoramos, porque no nosso exercito não está em vigor aquella sensata disposição que obriga os capitães allemães logo que recebem os seus recrutas, a investigar de todos os seus antecedentes.

Foi preciso que aquelle desgraçado commettesse um crime para então se encontrar pela primeira vez com a verdadeira justiça que protege os injustamente perseguidos, embora puna tambem os delinquentes.

Estando destacado no acampamento de Tancos, na noite de 18 de outubro do anno findo, embriagou-se, fugiu do aquartelamento e praticou uma serie de desatinos, tres como os de desobedecer a um cabo, ameaçar e injuriar uma sentinella, etc.

Mandado responder por esses factos em conselho de guerra, quando apresentou a sua defeza adduziu como circumstancia que attenuava o seu procedimento a violencia que lhe havia sido feita com o seu segundo alistamento. Em presença de tal allegação, o promotor de justiça, sr. capitão Moraes Sarmento, requereu logo exame de identidade ao accusado, do qual se concluiu ser elle effectivamente a mesma praça que havia servido em caçadores 6, d'onde tivera baixa pela junta.

Dado então de tudo conhecimento ao ministerio do reino, e perguntando-se se a presença de Firmino Quaresma nas fileiras era legal, não porque a affirmativa fosse causa dirimente, mas só attenuante, depois de ouvidas as estações competentes, foi respondido por aquelle ministerio que os factos allegados pelo arguido eram effectivamente verdadeiros, e que immediatamente se solicitava do ministerio da guerra ordem para Firmino Quaresma ser despedido do serviço. Muito bem.

Mas as auctoridades que praticaram similhantes violencias ficam impunes. Póde qualquer cidadão estar sujeito as mesmas arbitrariedades praticadas contra Firmino Quaresma, sem perigo algum para o seu auctor? Eis uma questão gravissima que nos parece merecer particular attenção, e que deveria ser discutida serenamente e ao abrigo das paixões politicas.

O conselho de guerra fez o mais que estava ao seu alcance fazer.

Como compensação a tamanhas violencias, absolveu o accusado, que recebera agora a sua segunda baixa, depois de estar *mais de tres annos illegalmente ao serviço militar, dos quaes perto de dez mezes no presidio do castello de S. Jorge!*

— Apresentou se ao commando geral da armada, regressando da estação naval de Macau, por opinião da junta de saude naval d'aquella provincia, o sr. José Ribeiro Santa Barbara, 1.º tenente da armada e immediato da canhoneira *Tamega*.

— Vae por estes dias uma vistoria á fabrica de guano da Trafaria, como já foi á de dynamite onde se deu ha tempos a explosão.

O sr. J. M. Baptista tenciona dotar a capital com um melhoramento muito importante, que é o estabelecimento de uma escola de natação ambulante. Desde o meado de 1880, o sr. Francisco Goullard, trabalha para fundar essa empreza em cujo projecto não ha nada de esquecido, tendo estudado tudo quanto ha de mais aperfeiçoado n'este genero no estrangeiro.

Os projectos foram enviados a uma casa estrangeira para saber o custo da construcção que na parte mais importante é de ferro. E brevemente terá reunido o capital necessario para realisar este grande melhoramento que espera poder executar no proximo verão.

— Foi nomeado addido á legação de Portugal em Italia, o sr. Joaquim Maria do Couto Macedo, ficando em commissão no ministerio dos negocios estrangeiros.

— Foi muito concorrido o funeral do distincto engenheiro o sr. Schiappa de Azevedo.

No extraordinario acompanhamento viam-se quasi todos os empregados do ministerio das obras publicas, e o pessoal da repartição de minas, de que fora chefe illustrado e estimadissimo.

Pela organisação, de engenheria, tinha as honras de major e por isso foram-lhe prestadas as honras funebres por uma ala de infanteria 5, commandada por um official superior, levando a bandeira e a musica.

— Partiram para Leiria o sr. Jayme Batalha Reis com 12 alumnos do Instituto Agricola, afim de examinar as vinhas d'aquella região e de preparar os meios de combater os estragos ali feitos pela philoxera.

— A expedição scientifica de alumnos do Instituto agricola, que sob a direcção do sr. Batalha Reis partira para o districto de Leiria, visitou 11 quintas, encontrando n'ellas differentes phases phylloxericas. Visitou tambem a propriedade do sr. Cortez, onde viu injectar o sulphureto de carbone num desenvolvimento phylloxerico, occupando duzentos hectares.

— Chegou hoje ao Tejo o paquete de Africa.

— Reuniu-se a Associação Commercial, resolvendo pedir a suspensão do recente decreto relativo as pautas. A reunião foi pouco concorrida.

Bairrada 11 de agosto.

Está em Anadia o ex.mo sr. conselheiro José Luciano de Castro, com suas exm.as esposa e filhas. S. ex.ª tem sido cumprimentado por grande numero de amigos do districto e de fóra d'elle.

— Os milharaes continuam a estar soberbos. Boas as vinhas.

— O milho esteve no domingo proximo passado no mercado de Oliveira a 560 reis o alqueire (14$422), no de Anadia a 640 (14$800) e no da Mealhada a 570 (14$418). No de Coimbra, milho novo, corre a 440 reis cada alqueire (13$161).

Já ha milho novo, o que se sente é falta d'agua para o moer.

— Vemos por Mogofores as malas do correio, que alli saem e entram nas ambulancias dos comboyos confiadas a um garoto vadio e travesso, encarregado pelo novo responsavel da caixa do correio de as levar da casa d'este á estação do caminho de ferro e vice-versa, e que algumas vezes, pretextando falta de paga, as tem deixado de manhã ficar na dita estação! Achavamos mais acertado que o sr. Guilhermino de Barros se entendesse com o sr. Espregueira, a fim d'este sr. consentir que o chefe da mesma estação tomasse o encargo da recepção e entrega da mala, o que não deixaria de convir a este empregado se lhe pagassem os 4$000 reis, mensaes que aquelle responsavel percebe. Isto era melhor serviço e um bom publico.

— Com relação aos *calentes* d'Ois do Bairro nada temos a accrescentar, por ora, ao que temos referido. O processo corre os seus devidos e promptos termos, como bem era de esperar do zelo e caracter recto do digno agente do ministerio publico; o que é sufficiente garantia d'uma satisfação condigna á sociedade. Aguardemos, pois. Por em quanto é segredo de justiça. Mas esta ha de ser feita, cremel-o, para incolumidade da innocencia: apurada assim a verdade ha de averiguar-se do *paradeiro* do auctor do *pasquim*, d'esse papel *pregado* (por quem? isso é que é difficil de saber-se porque...) n'um pinheiro, *brincadeira* que valeu a 4 rapazes, innocentes *talvez*, uma espora e sova brutaes e barbaras, de que um sabiu mal contuso, sendo preciso *logo* acudir-lhe com sangrias, por ordem do abalisado medico que officialmente o examinou.

Uma vez que tratamos de cousas d'Ois, é-nos grato dizer aos leitores que foi provido na egreja d'esta freguezia o nosso antigo amigo o revd.º sr. Antonio da Cruz Vieira, de S. Bernardo, d'Aveiro. Damos os parabens aos parochianos d'Ois do Bairro, por lhes ser enviado por parocho tão digno ecclesiastico.

— Foi n'umas casas de moinhos, onde ha 2 annos se mói enxofre, sitos á beira da estrada d'Aveiro a Avelans de Caminha, proximo á ponte de Canha, que da meia noite para a uma hora de quinta-feira ultima se manifestou incendio n'uma das casas que, tendo apenas 3,40 × 2,50 = 8,m²75, servia de cosinha, quarto de dormir, *sala*, dispensa, etc. Todo o predio se compõe de casa dos moinhos, uma casa de forno, uma casa do palheiro, a dita casa incendiada, curral de dois jumentos, e corral de porcos, sob um telhado vão. Mora alli uma familia moleira composta de marido, mulher, 6 filhos pequenos e um criado de 20 annos. Este deitou-se as 11 horas no palheiro, 5 filhos dormiam fóra das casas, ao ermo no pateo, uma criança de 3 mezes dormia no berço, dentro do referido quarto; o marido estava n'um moinho, a com metros d'alli, moendo milho, e a mulher, depois d'aquelles assim dormindo, accendeu o lume, *aqueceu* a elle um *cha* e foi leval-o ao marido, que tinha uma dôr.

O lume era de agulhas de pinheiro e decerto não ficou apagado,—e foi se pegando a outras agulhas espalhadas pelo cubiculo, a ponto de atear-se ás taboas que formavam o quarto e pôr a casa em chammas. O criado acordou aos estalos da madeira, correu ao quarto, d'onde a custo pode tirar o berço com a criança que chorava coberta de chammas, e foi chamar os amos, que logo começaram gritando por soccorro, no logarejo visinho, Valle de Estevam, onde moram só duas familias, accudindo apenas a do sr. Neves, fiscal nos caminhos de ferro, isto é, elle, sua esposa, uma criada e um jornaleiro sen, chamando o sr. Neves um assentador da linha, que dormia n'uma casa da guarda proxima; accudindo tambem um lavrador e filho, de Mogofores, que andavam a regar milho n'um campo proximo.

Os moleiros, que tinham os fatos e roupas n'aquella casa, tudo perderam, ficando só com os andrajos que tinham vestidos, e mais perderiam, e o predio seria todo pasto das chammas, se não fosse a grande e sabia direcção que o sr. Neves deu á extincção do incendio, que devido a isso se limitou á casa em que se manifestou. Terminou ás 3 horas da manhã.

A' mencia prestou o sr. Neves os primeiros soccorros cobrindo-a de panos molhados em vinho, e aconselhou a mãe a leval-a ao sr. Cancella, medico distincto, que lhe prognosticou ponca vida. Coitadita!

Ao indesculpavel descuido da mãe deve a criancinha a sua morte—; descuido que bem podia ser punido porque esta mulher brutal, por identico descuido, incendiou uma outra casa e moinhos na Azenha, de que tirou outra criança sua filha, quasi queimada, que esteve 4 annos em tratamento, e que vive doente.

F.

Correio do Norte

Porto 15 de agosto.

Foi no sabbado de manhã el-rei á Foz e na volta visitou a fabrica de Massarellos, agraciando tres operarios da mesma fabrica.

De tarde a familia real assistiu a matinée, da escola de Victor Manuel.

Depois sua magestade el-rei e o principe real, acompanhado do ministro das obras publicas foi visitar o illustre general e par do reino, o sr. conde de Torres Novas.

Sua magestade a rainha e o infante D

B.; quero só dizer que elle não se contém prudentemente, á medida da sua illustração, em momentos d'irascibilidade a que é susceptivel, e a pouca delicadeza com que fui tratado por v. s.ª em compensação. Pois mesmo então eu, a quem elle nega um bocadinho de illustração, não lhe dirigi uma só palavra em desaggravo; antes me esforcei sobre todo o preço, porque me responsabilisei, pela exacção d'aquelle serviço no dia immediato, como antes do tal improperio lhe tinha asseverado. O sr. B. deprecia classes. Se eu tivesse indole de egual á sua tambem, poderia dizer alguma cousa em tal assumpto. Dou a amostra: Os antigos pharmacéuticos não tinham grandes theorias, provavam n'um exame que sabiam fazer unguento basilicão e recebiam o seu diploma.

Mas eu não digo como o sr. B. que infama os professores; não só no que diz respeito ao seu osclarecimento mas tambem em sua reputação; digo só que os veneranados anciãos sabiam ou sabem apezar d'isso cumprir com os seus deveres; outro tanto pode succeder com os professores estudando e ensinando, etc.

Vem o sr. B. com o seu espirito de contradicção costumado, com o seu—não é, e com o és tu. Não pretendo justificar-me n'esta parte senão com as minhas acções. No que, porém, diz respeito aos illustrados examinadores, a parte do meu escripto a que elle não respondo, o contradiz claramente, sustento pois quanto disso, e accrescentarei que, ainda que dissesse—que se sabia ler e escrever—isto é, o minimo, os professores apezar de serem balofos e nada esclarecidos como diz o sr. B., sempre sáem com a sua approvação em circumstancias de ensinar mais alguma cousita. Admira que o sr. B. não encontrasse no meu escripto mais alguma palavrita do que a—poluilando—para amordaçar com a sua mofa do costume; pois olhe que ainda tem mais, como por exemplo—dava se por dá-se, carne por couve, livres por cheias, opposição por exposição etc.

Ninguem, a não ser o sr. B., julga o meu escripto com indole de chacotear a pobreza dos professores honrados; eu só disse a verdade pura, livre de quesquer attrictos de presumpção; a minha intenção não foi a de offender ninguem, e só o sr. B. lisongeiramente fingiu molestar-se: já se vê por disfarce.

Os professores que se vissem reduzidos a viver só e exclusivamente do respectivo ordenado mostrariam de prompto a sua pobreza sem que ninguem o dissesse; os que tem mais alguma cousa de que vivam, o ordenado é considerado como um auxiliar ás suas circumstancias pecuniarias. Ora se o sr. B. pretende que alguem affecte o que não é, esse alguem de certo que não gostaria da exposição de taes verdades. Mas isto é contra as convicções apregoadas, creio eu. Pela minha parte digo que cada um é o que é: todos tem direito á mesma importancia individual; as acções de cada um distinguirão. Indo de accordo em parte com as suas opiniões, mostro a fraqueza na exposição das minhas convicções, e indole differente da do sr. B., que de tudo mofa com uma pequenita excepção.

E' effectivamente por conveniencia dos alumnos que dou as duas aulas seguidas e nunca estou empregado n'este trabalho de minha profissão menos de 4,5 a 5 horas, e estaria mais, se os alumnos por suas occupações m'o permittissem; preso-me de gostosamente cumprir com os deveres de que estou encarregado, sem que seja necessario stigma de quem quer que fôr.

Mas custa, que um homem qualquer se esforce, quanto lhe é possivel, pelo desempenho de sua obrigação, e vir um calumniador dizer que se dá aula uma só vez por dia, para no resto do tempo se passear, caçar e passar vida regalada, como o sr. B. diz de mim, querendo mostrar que eu nada me interesso pelo adiantamento dos meus alumnos, e sabendo elle e crendo no contrario do que affirma em suas calumnias. Os alumnos frequentaram uma só aula por dia na maior parte e quando as horas não eram seguidas, o assim aproveitam as duas e frequentam com mais regularidade, porque escolho as horas que melhor se possam dispensar de seus serviços, geralmente agricolas.

O que se disser contra esta verdade, é refalsada calumnia.

Ora, que eu reuno ou dou aula uma só vez por dia para ter tempo de caçar e passear, é a resposta que o sr. B. quer que eu entenda, no que lhe recommenda que leia melhor.

Encarregaram-me o anno passado da direcção d'uma festividade que se faz a um Santo da terra em que vivo. Os meus companheiros de mordomia, nas proximidades da festa, disseram que havia aqui um costume; lembrança de um só typo que era todo beato e que tem renegado em excesso a sua devoção religiosa com as palestras do sr. B., costume, digo, de escolher um certo e determinado numero de individuos (aliás pessoas muito dignas), para na procissão pegarem nas varas do palio, e por tanto que, elles mordomos, segundo o costume de terras visinhas queriam como taes ir ao palio no seu anno de mordomia. Observei-lhes que havia eguaes direitos e que com isso me não importava. Pegaram ao palio o que deu logar a que o sr. B. com os seus dois amigos fallassem contra o que lhes pareceu. Mas não são capazes de provar que eu occupasse algum d'esses logares; o que todavia não quer dizer que eu deixe ou repugne de pegar a uma vara do palio ou outra qualquer insignia; mas não corto o passo a ninguem, e nem o fajo por figurar.

Na outra appellação recommendando-me que leia melhor que lá encontrarei a resposta, esta é a—que nós escolhemos os logares para figurarmos na procissão do orago da terra.

Algumas cousas do escripto do sr. B. que deixo de considerar, apreciam-n'as os respeitaveis leitores d'esta polémica; os quaes e só elles me levam a dar-lhes uma satisfação dos meus actos como empregado publico que sou; mas eu conheço o sr. B., e o seu costume de mofa sobre tudo a que lhe parece, razões que me levaram a concluir do seu escripto que elle não vê indifferentemente o eu levar a imprensa a minha humilde exposição, o que tem provado, porque não tendo elle outro motivo, porque desse contra mim as suas descargas de improperios que tinha accumulados, aproveitou este ensejo.

Não contesto a sua apresentação em toda a parte, com tanto que não offenda e descosidere calumniosamente a homens serios e a quem só se pode queixar amargamente de ingratidões e insidias recebidas de v. s. sem que se lhe tenha feito mal de qualidade alguma. Se quizesse poderia mostrar muito mais cousas, que pouco lisongeariam o sr. B., no seu procedimento para commigo.

Ora os respeitaveis leitores d'esta polémica hão de notar que as referencias do sr. B. ao seu escripto de 9 de julho, em que me recommenda que leia melhor que lá encontrarei as respostas, as quaes deixo interpretadas, equivalem a declarar que elle se dirige a um particular e não ao auctor do escripto que elle toma por pretexto; o que esse particular sou eu. Pois, que estranho aos factos poderia decifrar taes respostas? E como o sr. B. diz, continuando no seu disfarce, que não me conhece, acha-se em absurda contradicção. Provadas as referencias do sr. B. á minha humilde pessoa, que não lhe fiz mal nenhum, que não tenho má reputação, que compro com os deveres do meu emprego, etc., o que me quer o sr. B.? Quer que eu dê alumnos a exame? Espere, tenha paciencia: uma escola aberta ha dois annos, recebendo um não pequeno numero de creanças analphabetas, não poderia já alumnos para exame, e ainda é preciso attender á irregularidade de frequencia. Mas lá chegaremos se Deus não mandar o contrario.

Eu digo em duas palavras a unica causa que o sr. B. tomou para assim me affrontar: gostosamente estaria d'accordo com s. s. de que até tenho pena de não o poder fazer porque todos dependemos uns dos outros e n'esta terra ha pouca ou nenhuma convivencia, mas não podendo eu já supportar as suas insidias retirei-me sem soltar uma só palavra de queixa. O sr. B. sentiu-se d'isto e para se vingar arremessa-me esta descarga de calumnias—de que eu sou incompetente no emprego que tenho, de que eu tenho má reputação (entende-se da palavra não illustrada), de que eu dou aula uma só vez por dia, para o resto do tempo passear e caçar, de que eu devia vir á imprensa a pobreza dos professores honrados, por *chacota*, de que eu degrado a classe dos professores, de que eu deturpo a verdade, de que eu sou professor por pretexto para levar vida folgada, de que eu tenho tasca, de que eu trabalho na angariação do voto e escolho logar na procissão do orago da terra para figurar, etc. Em tudo o sr. B. falta á verdade, e portanto a carapuça que me aplica não me serve.

O respeitavel publico que nos julgue.

Sr. redactor.—Desejo dever-lhe a fineza de fazer inserir estas linhas no seu muito acreditado jornal, o que já agradeço.

De v. etc.

SENHOR DOS DESAMPARADOS

Sr. redactor.—Vi no *Jornal do Porto* n.º 147, do 1.º de julho, um communicado do revd.º abbade de Oliveira de Sinfães, em resposta a outro da junta de parochia da mesma freguezia, alli inserto, em que aquelle parocho, com a maior semcerimonia, diz:—a junta nada tem na capella do Senhor dos Desamparados: é do parocho, e o rendimento (esmolas dos devotos) foi dado em congrua; e que embora não queira converter em proveito do meu bolso, devo administrar.

Parece incrivel, que um levita do Senhor, que deve ser a luz do mundo, e o sal da terra, se atreva a vir a publico dizer, que não só lhe pertence a capella do Senhor dos Desamparados, mas tambem as esmolas, que n'ella depositam os devotos, e que pode converter em proveito do seu bolso!!

Mas está escripto, e por isso ficamos sabendo a pia intenção do revd. parocho de Oliveira, que quer apoderar-se das esmolas d'aquelle sanctuario para converter em proveito do seu bolso. Ora para que o publico possa melhor avaliar similhante pretenção, convém dizer alguma cousa acerca da historia d'esta capella, segundo a tradição dos povos.

Segundo esta, consta que um devoto no meio das suas attribulações, prometteu erigir um templo ao Senhor Jezus dos Desamparados, dotando-o com os fundos necessarios para a sustentação de um capellão, principiando por construir a capella mór e casa da residencia na lindissima esplanada, que, a um kilometro de distancia, é circumdada pelos quatro povos de Fundoaes, Valmilhorado, Cazal e Quintella, todos da referida freguezia. Porém esta pia devoção não pôde ir ao cabo, porque o parocho d'essa epoca de tal sorte se quiz ingerir na obra, que o devoto, desgostoso, desistiu do seu intento, indo gastar o seu dinheiro em outra parte, ficando o projectado templo limitado á capella-mór, que é hoje a ermida do Senhor dos Desamparados, circuitada por um muro e adro espaçoso com bancadas de boa cantaria, e ao lado as paredes da casa da residencia, o que tudo torna aquelle local o mais lindo e pittoresco, que se conhece por estes sitios.

Esta capella começou a ser venerada pelos fieis, creando-se uma confraria especial da invocação do seu orago, que a elevou a um tal grau de esplendor, que as suas esmolas vieram despertar a cubiça do parocho de então, o qual para se apoderar d'ellas, recorreu ao expediente de fazer abolir esta, e todas as mais confrarias da egreja matriz.

D'esta epoca começaram as contestações acerca da administração d'este sanctuario, que os povos d'aquelle tempo stigmatisavam com a seguinte canção popular:

Senhor dos Desamparados
Fechae as portas por dentro,
Que o abbade d'Oliveira
Come o vosso rendimento.

Estas divergencias porém terminaram de 1834 por diante, em que depois de acclamado o governo liberal, passaram para as juntas de parochia os direitos da fabrica da egreja, que até ahi andavam annexos aos parochos. Desde então foi constantemente administrada a capella em questão por devotos escolhidos entre aquelles quatro povos d'accordo com as juntas de parochia, sem a mais pequena contestação.

Foi finalmente apresentado na abbadia de Oliveira o actual parocho José Pereira Pinto Botelho de Cerveira, o qual, lembrando-se de que podia converter em proveito do seu bolso as esmolas d'aquella ermida, começou a fazer a maior opposição á sua festividade, já negando a licença para ella, já ameaçando os sacerdotes, que concorressem ao seu culto, de que resultou não se fazer a costumada festividade quatro annos consecutivos, preferindo o aniquilamento ao engrandecimento do culto divino.

Porém a junta de parochia, o este anno, animada de um nobre esforço, de accordo com os povos respectivos, promoveu donativos, sollicitou a competente licença do exm.º sr. bispo da diocese, e conseguindo vencer todos os obstaculos, oppostos por aquelle abbade, fez a festividade mais solemne, como ha muitos annos se não fez, sendo celebrantes os revd.os srs. abbade de Miomães, padre José Ribeiro da Cunha e padre Manuel Machado Pinto Campello, prégador o revd.º sr. abbade de Cevadas, e mestre de ceremonias o revd.º sr. padre José Dias, da mesma freguezia.

Cabe aqui notar, que a junta teve de mendigar nas parochias visinhas os paramentos e alfaias necessarias para a festividade, porque o bom pastor de Oliveira se negou a facultar os da freguezia.

A' face do exposto, que direitos tem o parocho de Oliveira na capella do Senhor dos Desamparados, se ofertas, que os devotos n'ella depositam? Com que mysterioso fundamento diz elle, que a capella é do parocho, e que as esmolas lhe pertencem, e que até as póde converter em proveito do seu bolso?

O Codigo Administrativo em vigor nos artigos 161 e 162, distingue tres especies de capellas, a saber: capellas pertencentes a individuos particulares, ditas pertencentes aos moradores de qualquer povo de parochia, e capellas dependentes da egreja parochial, a que vulgarmente se dá o nome de curatos, e segundo o mesmo Codigo, a administração das primeiras pertence ao individuo, ou visinhos, a quem reputam, e as da ultima especie á junta de parochia: esta mesma doutrina já era egualmente estabelecida pelo Codigo anterior de 1842, como se póde ver no Codigo annotado artigo 307, nut. 3 ao n.º 3: já se vê, pois, que segundo as leis citadas, em nenhum caso pertence ao parocho a administração das capellas da sua parochia.

Tambem o não favorece a posse antiga, como já vimos, e, ainda que em alguma epoca anterior a 1834 o parocho se intromettesse na administração da capella em questão, semelhante facto era de nenhum effeito juridico em presença das leis, que posteriormente regularam a materia encorporando nas juntas os direitos da fabrica, que antes andavam annexos á pessoa do parocho.

Agora pelo que respeita ás offertas, que os devotos depositam nos altares, ainda é mais cerrebrina a iniqua a pretenção do parocho de Oliveira, querendo lançar mão d'aquillo, que por nenhum principio, ou fundamento lhe pertence.

Segundo os principios de direito canonico só pertencem ao parocho as oblatas, ou esmollas offerecidas pela administração dos sacramentos, por actos funerarios, ou quando é manifesta e clara a vontade do offerente, sendo opinião commum entre os canonistas, que não pertencem ao parocho as oblatas, e esmollas lançadas nos oratorios, capellas e altares mesmo das egrejas parochiaes, onde se veneram quaesquer imagens, mas sem a fabrica, ornato, e culto das mesmas capellas—Riegen. inst. jur. Eccl. § 539—cit. Cod. Adm. de 1842 not. 7 ao art. 323.º

O mesmo nos confirma o auctor da Revista das Sciencias Ecclesiasticas tom. 1.º pag. 234.

Temos finalmente a portaria de 14 de junho de 1841, que terminantemente diz que é doutrina corrente entre os canonistas de melhor nota, que as ofertas, e esmolas depositadas nos altares não são proprias dos parochos para estes as converterem arbitrariamente em seu proveito, mas pertencem aos mesmos altares para serem applicadas ao ornato, augmento d'elles, á sustentação, esplendor do culto, que ahi se presta, competindo á sua arrecadação e administração ás corporações, que cuidarem do culto dos referidos altares.

As mesmas textuaes palavras se encontram em um dos considerandos do decreto sob consulta do Sup. Trib. Adm. de 30 de agosto de 1876 (no *Diario do Governo* n.º 220 de 11 d'outubro do mesmo anno) ibi—é doutrina corrente, que as oblatas depositadas nos altares não são proprias dos parochos para as converterem em seu proveito, mas pertencem aos mesmos altares para serem applicadas ao uso d'elles, e á manutenção e esplendor do culto divino, competindo por isso a arrecadação e administração d'ellas á junta de parochia, art. 323 do Cod. Adm. então vigente.

Mas para sophismar a questão, diz o parocho d'Oliveira, que o rendimento da capella do Senhor dos Desamparados lhe pertence, porque lhe foi dado em congrua; porém semelhante asserção é inteiramente falsa.

Quando se allega um facto, é necessario proval-o, porque allegar e não provar é o mesmo, que estar callado: e o parocho de Oliveiro não apresenta, nem é capaz de apresentar documento, que prove o que allega.

Mas supponhamos por um pouco, que era verdade ter-lhe sido dado em congrua o rendimento da capella do Senhor dos Desamparados; tal arbitramento era de nenhum effeito, por contravir a intenção dos devotos, que era o esplendor e culto do sanctuario, e jámais a sustentação do parocho da freguezia, o qual só poderia, quando muito, requerer pela junta do lançamento das congruas o prehenchimento da congrua arbitrada, quando não fossem sufficientes para a prehencher os rendimentos do passal e mais benesses do beneficio, circumstancia, que senão dá n'este parocho; porque sendo lotado o seu beneficio na quantia de 2$05 reis, elle percebe a bagatella de 800$000 reis approximadamente.

Assim o decidiu em caso analogo o cit. dec. de 30 d'agosto de 1876, sendo recorrente o parocho da freguezia de Campello do concelho de Baião, que pretendia se lhe inteirasse por derrama a freguezia a quantia equivalente ás offertas, que os devotos depositavam nos altares da sua egreja, e, que dizia, lhe tinham sido dadas em congrua, pretensão que lhe foi denegada pelos indicados fundamentos, visto ser o restante rendimento do seu beneficio mais que sufficiente para o prehenchimento da congrua arbitrada.

Em conclusão diremos, que o parocho de Oliveira nada tem na capella do Senhor dos Desamparados, bem como nas offertas, que os devotos depositem n'esta, ou em outro qualquer altar mesmo da egreja parochial; e que, se aquelle parocho tinha em vista lançar mão d'aquellas magras offertas para converter em proveito do seu bolso, pode perder essa esperança, que jámais o logrará.

Fica assim respondido ao tal communicado do abbade d'Oliveira, protestando com todas as nossas forças, como já o fez *Istel Balóque* na *Folha de Hoje* de 14 de junho p. p. n.º 425, contra a ermida dos parochos Botelhos, e contra as esmollas, que formam parte das congruas, e outras mais cousinhas, que alli se podem ver.

Itogo a v. s. redactor, se digne dar cabimento a estas mal traçadas linhas nas columnas do seu acreditado jornal, pelo que me confessarei reconhecido e

De v. etc.

Sinfães 9 d'agosto de 1882.

V.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 12

Despachos por o ministerio da justiça.

Listas para arrematações.

Portaria ordenando que a pesca da lagosta seja prohibida nos mezes de dezembro e janeiro, havidos como temporada do mais activo desovamento do costaceo.

LITTERATURA

A JORNADA-DA-MANCHA

A viagem na Hespanha começa por dois dias de aborrecimento, passados n'uma charnecah fria comota Russia no inverno, e quente como a Africa no verão. A Extremadura e a Mancha são as divisões geographicas de um grande deserto. A densidade da sua população é apenas comparavel á das steppes tartaras. Não ha dez habitantes por kilometro quadrado. Os oasis são raros e pouco menos de inhospitos. O primeiro, que se encontra, o maior e o mais populoso, é Badajoz. A palavra oasis applicada a esta cidade da fronteira, é verdadeiramente um troppo. Debalde se procura ahi frescura ou commodidade. Badajoz ou queima ou gela. Não tem nada que a recommende ás visitas dos viajantes. Em tempo representou um papel militar. Depois passou a servir de cidade intermediaria no commercio das duas nações visinhas. A sua importancia militar desappareceu porém inteiramente, e a commercial tende tambem a desapparecer com a nova linha de Caceres. Attractivos póde-se dizer que não tem nenhuns. Por Badajoz passa-se apenas. Deixa-se logo sem saudades.

D'ahi a algumas horas chega-se a Merida. Nenhuma cidade hespanhola possue tantas ruinas de monumentos romanos. Dizem as chronicas antigas que tinha seis leguas de circumferencia. Era de quinze metros de altura e dezoito de largura a gigantesca muralha, que a cercava n'essa enorme extensão toda. Tres mille setecentas torres completavam o diadema da grande Cybele. Hoje, entre columnas truncadas e templos derrubados, não se encontra em Merida senão o maior museu hespanhol de antiguidades ao ar livre. Juncam o seu solo ruinas celebres, como as do arco de triumpho de Trajado. Estão ainda de pé muralhas do grande circo, que foi um dos maiores do imperio, e é hoje, só um vasto campo cultivado. Soberbas columnas do velho aqueducto espalhadas n'uma extensão, immensa, continuam a demarcar a antiga estrada das aguas. A fórma elliptica da afamada naumachia, não se apagou do chão perto das ruinas dos templos de Diana e de Marte, onde, em logar dos velhos deuzes caidos, veneram os christãos a estatua de Santa Eulalia. Todas estas ruinas do paganismo estão coroadas por uma ruina da meia-edade, pelo castello dos valentes cavalleiros de Calatrava. Moderno é que não ha nada. Actualmente Merida é apenas uma Palmyra no grande deserto castelhano.

Logo adeante encontra-se Don Benito, que é exactamente o contrario de Merida. E' uma cidade, que não tem passado. Em compensação farta tem um largo futuro agricola, garantido pela foracidade do seu solo e pela proximidade das mais ricas minas de phosphatos, que ha no mundo. Foi fundada por fugitivos, haverá dois seculos. Uns fugiam das inundações do rio, e outros das crueldades do conde, que dominavam em Medellin. O asylo pobre converteu-se em rica e prometteadora cidade.

Depois de Don Benito continuam as planicies immensas, sem aldeias, sem rios, sem casas e sem horizontes novos. A noite estende por fim as suas grandes azas negras sobre os campos, e quando as sombras fogem diante do dia seguinte que chega, parece que se está ainda nos mesmos logares, onde na vespera anoiteceu. Apenas se distingue um signal na face de aquelle armo á luz confusa das primeiras alvoradas. E' Ciudad Real. A locomotiva passa deixando ainda a dormir a sua população. Depois continua tudo dezerto. Apenas um ou outro cazal de longe em longe. Na passagem do comboyo, algumas aguas, que pastam, alevantam, bruscamente grandes olhos, espantadas pelo barulho da machina, que vae perturbar com os agudos silvos as suas solidões pacificas. Manadas de grandes bois castanhos e rebanhos de felpudos carneiros brancos pastam tambem. As collinas estão nuas sem arvores e sem arbustos. As planicies estão mal vestidas. Parecem tapadas com um manto roto feito de hervas velhas e amarelladas, e de algumas searas de trigo e de cevada. E' uma feia cobertura toda cheia de buracos, por onde rompem os grandes pedregulhos, que salpicam a vasta superficie, e por onde alloram tambem alguns cabeços estereis, cor de greda e escalvados.

As raras arvores, que se encontram, são esguias, despidas e melancolicas como doentes. Algumas conservam ainda umas folhas secas como um vestuario já velho a desfazer-se em farrapos. Gento não apparece. Apenas de legua a legua, no meio do campo, está de pé algum pastor encostado ao seu curto e grosso cajado.

Raros almocreves caminham pelas estradas montados em muares, no meio de nuvens de pó, graves, serios e silenciozos. O castelhano não canta nunca, nem assobia, como o nosso camponez. Nenhum gorgeio de aves, nenhum barulho de regatos, nenhum ramalhar de arvores perturba aquellas vastas solidões. Não ha alvercas, nem vallados, nem muros, que dividam a enorme superficie. Os barrancos não a recortam, e as ribeiras não a fecundam. Na face d'aquella terra está escripta a igualdade e a monotonia. Nenhum palacio accuza a desigualdade do presente, e nenhuma ruina feudal aponta para as desigualdades do passado. Com effeito, a meia idade na Hespanha não apresenta o caracter sinistro que teve no centro e no norte da Europa. O senhor e o vassallo não estavam tão profundamente separados como nos outros povos. O desejo e a ambição commum de libertar a terra hespanhola do dominio moirisco uniu os fidalgos aos plebeus. Fez estes ligados e aquelles thanos. Tornou os familiares uns com os outros. As divisões, a tyrannia e a centralisação vieram de fóra. Trouxe-as a Austria no dia nefasto, em que os seus reis, as suas ideias e os seus systemas passaram os Pyreneos. Então a planta vencedora, que no meio germanico, na atmosphera fria do norte, crescia inoffensiva e rachitica, desenvolveu vigorosamente os seus principios toxicos nas folhudas vergonteas da mancanilheira, que cobriram a Hespanha toda com a sua sombra perfida e mortal.

As horas passam e a perspectiva não muda. Continua-se a caminhar em plena Mancha. O chão é todo pedras, e o ar uma nuvem de poeira. As estações do caminho de ferro são quasi todas uns pardieiros. Nas raras povoações vê-se as creanças nuas bronzeadas pelo sol. As mulheres são fortes, de aspecto resoluto, e parece não fazerem caso da machina, que passa e estrondeia. Um castelhano não se admira de coisa nenhuma. No caminho encontram-se apenas alguns camponezes macilentos, de apparencia selvagem, vestidos com o velho traje tradicional iberico sempre de côres escuras, calção curto, polainas e jaqueta lançada sobre o hombro, como hussards esfarrapados e altivos. São almocreves, que levam adiante de si bestas carregadas, como nos tempos em que a locomotiva não silvava ainda por aquelles descampados fóra. Alguns, nem olham sequer, como se fossem soberbos imperadores, ao lado de quem passassem plebeus em carroças. O typo é sempre o mesmo. Magro, trigueiro, rusto descarnado, cabeça quadrada, traços salientes, olhos vivos, cabellos escuros.

A Mancha é mais famosa pelo romance do que pelos acontecimentos reaes. Não ha logar a que não esteja vinculada uma aventura do cavalleiro da Triste figura, e que não relembre uma pagina do recontro celebre de Cervantes. Hão de ser eternamente memoraveis Montiel, Toboso, Argamasilla d'Alba, todos esses campos de ridiculas batalhas, onde tercou armas o comico e immortal paladino das amorosas cavallarias da meia-edade. Os moinhos de vento, que apparecem ao longe por cima das searas de trigo, fazem pensar no heroe manchego e na sua numerosa descendencia viva. Reconhece-se bem nos novos Quixotes os traços de familia do avô retratado pelo poeta. As differenças são pequenas. Consistem apenas em ser maior do que a Mancha a scena, e em serem outros os moinhos de vento.

Diz o proverbio que na Mancha nem agua nem sombra. Antigamente nem paz nem segurança! Ainda hoje o manchego dá uma valhada por qualquer coisa. Quando se ouve fallar da Mancha, pensa-se logo em bandidos de chapeu carregado, trabuco em punho e punhal na cinta ou nos dentes. O salteador, porém, não passa já de um mytho para uso dos melodramas e para a rhetorica dos livros de viagens. Antigamente o bandido era tão inseparavel das planicies desertas e das montanhas inhospitas, que, n'uma descripção da Hespanha, a mentira tenta e seduz como um Mephistopheles. Apraz contar uma aventura de salteadores, uma refrega com bandoleiros famintos.

N'outros tempos ninguem atravessava a Mancha senão escoltado. Esse deserto era infestado por quadrilhas de salteadores, que roubavam ao viajante a bolsa, o vestuario e a vida. A escolta não era mesmo um preservativo inteiramente seguro. Muitas vezes era batida, destroçada e morta. Nas velhas estradas não ha um logar, que não tenha sido o theatro de uma batalha sanguinolenta travada entre bandoleiros e a força armada. O feliz, que, depois de roubado, se podia evadir, ia debalde, pobre e nu, queixar-se ao sr. alcaide. Era um manchego tambem. Podia-se depois ao corregedor. Era a mesma cousa. Não tinha testimunhas. O salteador é que as tinha, quando queria. Pelo seu lado estava sempre a liga dos pobres, que não denunciavam nunca ladrões, e que não depunham contra elles. Pelo contrario, todos os auxiliavam. Os pastores trazian-lhes leite das suas cabras, os almocreves, vinham advertil-os dos perigos, e os raros habitantes enganavam os carabineiros, que os perseguiam.

As origens do bandoleirismo castelhano eram a miseria, a falta de população e o orgulho de raça. Nos annos abundantes o numero dos assaltos era sempre diminuto. Por outro lado o solo pertence quasi só aos ricos. Esses dominios dos grandes senhores e da corôa por serem muito extensos, são mal cultivados e por isso mesmo despovoados. O salteador vivia ahi livre e desafogado, n'um meio proprio adequado. O outro factor do bandoleirismo era o orgulho. Todo o bom castelhano prefere roubar a pedir, ser independente e selvagem nas charnecas a ser humilde e serviçal nos povoados. O manchego fazia-se salteador para não trabalhar ás ordens de outro, e para não pedir. N'este modo de vida criminoso, n'esta pratica do mal, conservava todavia todas as boas qualidades da independencia e da altivez. Não atacava os que tinham pouco. Pelo contrario, parte de que apprehendiam dividiam-n'o pelos pobres. O ladrão não tinha um direito escripto, mas tinha um direito consuetudinario, que seguia e cumpria á risca. Não matava senão os que resistiam, e deixava sempre ao roubado, que se resignava, o bastante para chegar ao seu destino. Não mentia nunca senão ás auctoridades. Quando fazia uma promessa, cumpria-a, e quando tinha motivos para ser grato era-o deveras. Não atraiçoava ninguem, e a sua protecção era sempre sincera e efficaz. Entre os salteadores reinava quasi sempre a lealdade. O traidor era morto. Quando lhes aprisionavam um companheiro, faziam tudo por elle. Procuravam logo o seu resgate á custa de sacrificios e de temeridades. O systema mais vezes empregado era o de refens. Muitas vezes os salteadores levavam para as suas cavernas um fidalgo ou um rico, que só trocavam pelo salteador preso. Quando não vinha esse preço vivo da liberdade, insistiam, mandando por exemplo, uma orellia, um dedo, um olho. Se ainda assim lhes não libertavam o companheiro, mandavam então o cadaver, e ficavam com a consciencia do terem cumprido os deveres da camaradagem.

Outra qualidade do bandido era a devoção. Ao peito trazia sempre o escapulario. Fazia promessas, offerecendo á Virgem e aos santos quinhões das prezas. Quando eram bem succedidos, iam religiosamente, depor no altar as percentagens promettidas. Dividiam assim com os que do ceu protegiam a sua guerra feita aos ricos da terra.

Esta raça está quasi extincta. Apenas de annos a annos apparece um ou outro cas d'este atavismo de costumes. Os terrenos vão-se cultivando, e a guarda civil leva a todos os ermos a segurança, que antigamente nem sempre se encontrava nas cidades. Hoje o bandoleirismo pertence á lenda e á poesia do passado. Na Mancha, porém, a natureza dos sitios e a tradicção dos logares faz sempre pensar n'elle. Depois, ao passo que nos vamos aproximando de Madrid, o paiz vai-se povoando mais. A'manhã, na *Puerta del sol*, n'esse *forum* das Hespanhas, já não pensaremos mais nas cruzes do caminho aspero e dezerto, por onde se vae para uma das mais cheias colmeias humanas, que ha na Europa.

ANSELMO DE ANDRADE.

GOVERNO DO MUNDO EM SECCO

(EXTRACTO)

—Esse portentoso monarcha é...

—Não o declareis, porque devemos julgar-nos indignos de ponderarmos suas prendas; se bem que não depende o sol de louvores para esclarecer o mundo com seus raios.

—Visto isso, ponhamos n'esta materia ponto e admiração, e vamos continuando com a vida dos meus camaradas, ainda que já me pareça bem larga, mas desculpe-nos a larga, com que vivem.

—Não me atrevo a dizer mais, por não me argeirdes de que falto á attenções, depois que o demonio introduziu por politica o não se darem conselhos a quem mais necessita d'elles.

—Parece-me inopportuna qualquer diligencia que façamos, porque aqui ninguem nos ouve e fallaremos com as paredes, por onde se pendoaram tantos conselhos e tão poucos milagres.

Não queiramos tirar a preeminencia ás estações dos parochos; e nós, pois que *governamos em secco, e não em humido*, convençamo-nos de que ha de cair logo tudo o que dissermos, porque não póde pegar, já que não acha em que; se bem que tendo cada porco seu S. Martinho, a chegará a sua hora aos ambiciosos, na qual verão todos quão pouco lhes aproveita o lucro.

Quanto mais engorda o marrão, mais chama pelo cutello.

—Não posso calar-me quando me lembro de que vivem os homens julgando que os que morrem, levam os estupores comsigo, e que os que nascem é para morrerem de bexigas.

—Esse achaque é geral. Não atoinamos com elles, porque rapazes mataram Jorge Pires, e bem sabeis o que fizeram ao padre Laracha.

—Demos-lha pela tabilliha, que é o primor do jogo, e quem usa de rodeios sabe as pancadas ao vento.

—Já que temos essa habilidade, para que nos bavemos de metter em paus?

—Tendes razão, e mente quem diz que não está o tempo para graças.

—Appoiado!

—Se um homem se pozer ao officio de viver sério, creará malvas á porta, e quem passar pela rua dirá:—que malvado é este que aqui mora! E bastará isso para lhe não sentenciarem bem as inquirições *de vita et moribus*.

—Quatro cortezias de belfurinheiro maltez—quatro colloquios de freiratico principiante—quatro galanterias de presepio de baile—quatro historias de Fernão Mendes Pinto—quatro fabulas de Esopo—quatro mãos de jogador padre mestre—quatro pós de poeta noviço—finalmente, quatro murmurações em tiple e quatro satiras em contro baixo,—toda esta solfa a quatro fazem melhor consonancia nos ouvidos aventureiros do que fazia a *Amorosa* no templo da *Trinta*.

—Logo um homem é ouvido e talvez que cheirado;—ouvido, porque a sua vista todos alongam as orelhas—e cheirado, porque pelo faro o buscam e como tabaco o tomam.

—Sabeis vós porque se não apedrejam os prégadores?—E' porque, como fallam sós, entendem os mais que estão doidos, e por isso não fazem caso do que elles dizem.

SILVESTRE SIVERIO DA SILVEIRA E SILVA.

BIBLIOGRAPHIA

O HOMEM NA SERIE ANIMAL

E' o titulo e o assumpto do n.º 36 da barata e util collecção da *Bibliotheca do Povo e das Escolas*, propaganda de instrucção para portuguezes e brazileiros, de que é editor o grande David Corazzi.

O MESTRE POPULAR

(O FRANCEZ SEM MESTRE)

Recebemos os n.os 25 e 26 d'esta excellente publicação linguistica semanal, destinada á instrucção de todas as classes, e redigida pelo distincto professor Joaquim Gonçalves Pereira.—Redação e administração, Palacio do Antigo Correio Geral, Lisboa.

THEOLOGIA MORAL

Distribuiu-se a cadernota n.º 36 d'esta magnifica obra theologica de Pedro Scavini, traduzida pelo padre José d'Almeida e Silva, e de que tantas vezes temos fallado com merecido louvor.

NOTICIARIO

Percival.—Um distinctissimo jornalista parisiense, Alberto Wolf, publica o seguinte n'um dos ultimos numeros do *Figaro*, sobre a nova opera de Ricardo Wagner *Percival*:

«Chegam hoje documentos authenticos sobre o *Percival*. Uma folha como o *Figaro* não deve estar ao serviço de pessoa alguma nem á disposição dos inimigos de Ricardo Wagner, nem á devoção dos patronos. Não podendo eu ir a Bayreuth, podia alguns dos meus amigos francezes e estrangeiros que me enviassem uma apreciação sincera e verdadeira do *Percival*; escolhi estes correspondentes entre os mais auctorisados, entre os patronos de Bayreuth, e especialmente a carta que vae ler-se dimana de um musico que partilha, com todos os espiritos sensatos a alta estima que as obras da juventude do Wagner inspiram por este grande compositor.

«Bayreuth, 27 de julho.

Meu caro amigo:

Envio-lhe, ao mesmo tempo que algumas informações do *Percival*, umas tantas notas sobre a representação d'esta obra, que eu acho bem inferior Lohengrin, e a muitas outras do compositor allemão.

O acolhimento do publico de Bayreuth foi frio. O primeiro acto levantou mediocres applausos, ao baixar ao panno. O segundo foi applaudido com mais intensidade, o que deu occasião a Wagner para se mostrar n'um camarote e dirigir um *speech* ao auditorio (que não lhe pedia nada) isto no intuito de excitar um enthusiasmo que parecia não manifestar-se senão a muito custo.

O terceiro acto, muito falto de vida para não dizer outra coisa, foi recebida mais friamente ainda, e já o publico se encaminhava para as portas da sahida do theatro, quando Wagner, emergindo outra vez do citado camarote, julgou dever dirigir um novo *speech* ao publico. O primeiro tivera por fim, como disse, aquecer o enthusiasmo do publico, do mesmo passo que recommendar-lhe que não applaudisse no final de cada acto, «para não perturbar a illusão» (*sic*), como se entre actos de uma hora, durante os quaes se come e bebe, não fossem de geito a perturbal-a, essa boa illusão.

O segundo *speech* pedia ao concurso, o qual não manifestava mais que o desejo de sair da sala, applausos para os interpretes, que, até ali, não os tinham recebido, posto o desempenho o houvesse satisfeito vivamente, a elle, compositor. Isto deu logar a uma pequena lista de familia, e Wagner, depois de ter applaudido o chamado elle proprio os seus interpretes (que não appareceram), impoudo assim o seu gosto ao auditorio, acabou por sair do camarote e dirigir-se ao proscenio, onde assumiu, dizendo que os artistas já se tinham retirado!

Outro correspondente envia uma resenha mais minuciosa da partitura.

Fallando, em primeiro logar, do mestre diz com rasão o seguinte:

«Entrando no theatro de Bayreuth recebi a impressão d'um catholico que, habituado á magnificencia das catheddraes, assistisse um dia, a uma ceremonia protestante, em meio da frieza de quatro paredes nuas.

«Depois de ter passado a partitura em revista e reconhecido que ella contém umas 5 peças bemvindas em meio de interminaveis recitativos, o meu amigo dá-me do piano sino a descripção que segue:

«Principia aqui o concertante do fim do primeiro acto, cuja trama musical é construida sobre o som dos sinos, de que tanto se tem já fallado, e, para o qual, Wagner teve de idear um instrumento «sui generis». Este acontecimento, de uma importancia mediocre foi ann

O combate de Haggar Nawatieh. —Alexandria 5.—Rompeu a guerra. O primeiro combate serio foi hoje ferido.

Esta manhã, 3000 beduinos a cavallo avançaram, a coberto das palmeiras em que abunda a planicie de Ramleh, contra a extrema esquerda das posições inglezas, e, chegados a menos de 200 metros do castello Ziziuia, elevado á beira mar a uma altura que domina todos os arredores, abriram fogo sobre os postos occupados pelos homens do 46.º regimento.

O major Forster dispoz em atiradores duas companhias d'este regimento, que rechaçaram os beduinos, mas sem occasionar-lhes perdas, pois que a mobilidade extrema do inimigo tornava o tiro inefficaz.

Entretanto, um parlamentar do Arabi, seguido de alguns homens, chegara, pela via ferrea de juncção, ao campo, e solicitava uma entrevista com o general Alison.

Isto ao mesmo tempo que ora a attenção attrahida para o extremo direito do exercito, proximo ao lago Mareotis, por grandes movimentos de beduinos, contra os quaes se mandou, pelo caminho de ferro de Mox, um trem blindado, levando um grosso canhão do *Hecla*.

O capitão Fisher abriu fogo a 3 mil metros, e viram-se rebentar alguns obuzes no campo inimigo.

Não era mais que o preludio de uma acção que devia assumir á tarde um caracter grave, e estas diversões, habilmente calculadas, dissimularam o ataque principal.

A's 3 horas, dois batalhões egipcios, partidos de Abukir, vinham occupar Mandara, e um troço de cavallaria indigena percorria em todas as direcções o lago de Abubir, em grande parte deseccado.

Uma hora depois, as vedetas inglezas avistaram um fortissimo destacamento de infanteria que, tendo ultrapassado Mellaha, se abrigava por detraz da ribança do canal Mahmudieh.

O exercito britannico tomou desde logo a sua ordem de batalha.

O 38.º regimento, com a diminuta cavallaria de que dispoem os inglezes, foi lançado na direcção do lago de Abukir, mantendo-se a 3 kilometros parallelamente ao canal. A artilheria costeava a ribanceira, em quanto que a segunda brigada naval chegava pelas vias ferreas á estrada do Cairo.

E' aos marinheiros que os inglezes devem a victoria. Seguindo no trem blindado, transpozeram quasi a vanguarda dos soldados de Arabi, e, abrigados pelos wagons, fizeram fogo sobre as tropas egipcias, que marchavam em numero de 2 mil homens, tendo a sua direita protegida pelo canal e a esquerda apoiada á via ferrea.

O recontro effectuou-se um pouco para lá de Haggar-Nawatieh, n'um ponto onde o canal se estende parallelamente á linha ferrea, a menos de mil metros de distancia.

Das 5 ás 7 horas, romperam nutridissimas descargas em toda a linha do lago de Abukir ao lago Mareotis, até ao momento em que os tres regimentos inglezes empenhados na acção,—protegidos pelo 66.º, convergiram para o canal, afim de reforçar os marinheiros.

O grosso das tropas egipcias conservou as suas posições; só a vanguarda bateu em retirada através do lago de Abukir.

O combate de artilheria durou até á noite.

Os inglezes fizeram alguns prisioneiros, e são consideravois as perdas em ambos os exercitos.

Começam a apparecer verdadeiramente formidaveis os beduinos. Sem o seu concurso, Arabi seria incapaz de fazer frente ás tropas inglezas.

Theatro lirico de Madrid.—E' excellente, como pode ver-se da seguinte lista o pessoal artistico, destinado a trabalhar, durante a proxima quadra lirica de Madrid, no theatro Real d'aquella cidade:

Directores de orquestra—Maestro Goula e outros em ajuste.

Tiples—Fursch Madi, Gini, Leria, Rodriguez, Senbrich, Teodosini.

Mezzo-sopranos contraltos—Borghi, Tremolli.

Tenores—Bianchini, Gianini, Lestelieri Masini.

Baritonos—Defricho, Lherie, Pandolfini.

Bassos—Nanetti, Rapp, Roveri.

Caricato—Fiorini.

Director de baile—Pedoni.

Primeira bailarina—Taglialalela.

Fragmentação da terra.—O popular astronomo Camillo Flammarion acaba de causar um grande susto aos seus leitores.

—Annuncia para o proximo setembro o apparecimento de um cometa, o qual ameaça o nosso planeta com um tremendo embate.

Bastará, segundo parece, um golpe dado com a cauda do astro errante, para dividir a terra em quatro partes.

Este incidente está, no dizer dos sabios, muito na ordem das coisas: não mudaria em nada, o equilibrio do nosso sistema.

Assim se formaram as quatro luas de Jupiter.

A viagem d'el-rei.—São 12 horas da manhã e acaba de passar na estação d'esta cidade o trem real. O comboyo demorou-se alli apenas alguns segundos. Sua magestade el-rei appareceu á portinhola da carruagem-salão, que era a ultima, onde recebeu os cumprimentos das auctoridades e dos poucos convidados que poderam aproximar-se.

Não nos pareceu menos sombrio o rosto do sr. D. Luiz, do que quando passou para o Porto. Sua magestade a rainha deixou-se vêr através dos vidros da carruagem, bem como os principes e as damas de honor.

Na estação estavam algumas sr.as, todo o funccionalismo, as duas philarmonicas da cidade e a força de infanteria e cavallaria. A policia civil guarnecia o caes da estação, mas d'esta vez não nos consta que fossem postadas vedetas de lanceiros nas passagens de nivel de Arnellas e Esgueira. Acabou-se pois com esta vergonha.

Para banhos.—Partiu ante-hontem para Espinho a familia do sr. Miguel Ferreira d'Araujo Soares.

—Tambem partiu para a praia de S. Jacintho a familia do nosso antigo amigo o sr. Bazilio Matheus de Lima.

—Parte brevemente para Luso o sr. conselheiro José Luciano de Castro, e suas ex.mas espoza e filhas.

—Tencionam regressar no dia 19 a sua casa solarenga da Bairrada os srs. marquezes da Graciosa e viscondes da Foz d'Arouce. S.s ex.as partem depois para a praia de Espinho.

Apontamentos de carteira.—Casaram em Vizeu: o sr. dr. Luiz Ferreira de Figueiredo, reitor do Lyceu, e a ex.ma sr.a D. Maria de Mello Lemos e Alvellos, filha mais velha dos srs. viscondes do Serradu; e o sr. dr. Antonio Henriques da Silva, que este anno concluiu com premio a sua formatura em direito, com a ex.ma sr.a D. Maria Amalia Barrozo, filha do sr. commendador Manuel Antonio Barrozo, conservador da comarca.

—Foi a S. João da Madeira (Oliveira d'Azemeis) assistir á inauguração da estação telegrapho-postal e ao lançamento da primeira pedra da nova egreja que se vae edificar n'aquella freguezia, o sr. Antonio Ferreira d'Araujo e Silva, distincto engenheiro.

Estada.—Está actualmente na sua casa de Tondella o sr. Antonio Calheiros Pitta Noronha, um dos cavalheiros mais respeitaveis da Beira, que reside uma grande parte do anno em Lisboa. S. ex.a veio para alli acompanhado de sua virtuosa familia.

Consorcio auspicioso.—Verificou-se o consorcio do sr. Manuel Ferreira Alegria, d'Oliveira d'Azemeis, com a exm.a sr.a D. Amalia Guimarães Moreira, filha do sr. Antonio Moreira da Silva, de S. João da Madeira. Os noivos são pessoas muito dignas a todos os respeitos. Que Deus lhes dê as venturas, que merecem, é o que muito desejamos.

Um administrador modêlo.—Referimo-nos ha dias ao administrador de Estarreja, que para valer a uma falcatrua, tinha abafado um processo, que se achava affecto ao conselho de districto. Como da parte dos guardas ruraes nomeados pela camara não houvesse justiça, entendeu aquelle magistrado, que o modo mais airoso e digno de rematar a questão era... sonegar o processo e evitar que fosse julgado pelo tribunal administrativo!

Agora surge outro administrador de concelho a fazer das suas, importando-lhe pouco a quem prejudicava, porque só tinha em vista os seus arranjos. E' o caso:

Ha poucos dias foi este genuino representante da gravidade das circumstancias, a um predio seu, e começou a disputar com o seu substituto, que é seu thio, por causa de uma agua de rega, que pertencia a este ultimo, mas de que aquelle queria violentamente apoderar-se em seu proveito. Altercando e cortando a agua com uma sachola, ia o mesmo administrador malhando e esfarrapando o esbulhado seu thio, que todavia não quiz desistir do seu direito. Então o administrador e sobrinho, metteu a mão na algibeira, onde parece que procurava a ultima *ratio*. N'essa occasião a mulher do magistrado, modelo de cordura e desinteresse, gritou, dizendo *que agarrassem o marido para evitar alguma morte, porque elle tinha um revolver na algibeira.*

O facto foi presenciado por varias pessoas, *as quaes talvez se deva o não ter o digno* administrador realisado os seus sinistros e premeditados intentos, que em vista dos gritos da mulher não podiam ser bons, saindo armado e de dia, apenas para distancia d'algumas dezenas de metros da sua habitação!

Ao sr. governador civil recommendamos muito especialmente este subordinado modêlo, que parece achar-se á verdadeira altura da gravidade das circumstancias.

A hydra.—Parece que se receia que a bicha colete por outros pontos do districto. No sabbado, 5 do corrente, andou o administrador de Cambra com o seu secretario em diligencia por a freguezia de Illôga, visitando a casa dos fogueteiros, a fim de ver se encontrava depositos de polvora e dynamite. Diz-se que procedera em virtude de um officio-circular do governo civil. Parece que a auctoridade não encontrou cousa alguma, que lhe parecesse suspeita. A hydra tinha desapparecido, ou achava se incumbada em outros pontos menos accessiveis.

A bicha dorme, pois, sem maior encommodo dos fogueteiros de tres respostas ou das suas congeneres, as bichas de rabear.

Inauguração.—Inaugurou-se hontem a fabrica de louça dos srs. Norberto & Guimarães, d'esta cidade. O novo estabelecimento estará patente á concorrencia publica. Algumas centenas de pessoas foram vizital-o, e de tarde tocou á porta a philarmonica *Amizade*, hastiando nas janellas muitas bandeiras.

Os productos do novo estabelecimento pareceu-nos excellentes e são eguaes aos de Coimbra. Ficam pois aqui muito mais baratos ao consumidor, e ha a vantagem de termos uma fabrica, mostrando que Aveiro póde favorecer a especulação dos capitaes, quando estes sejam bem dirigidos.

Intelligencia e energia teem os srs. Norberto & Guimarães. Não lhes faltam por tanto estes dois poderosos elementos, que, bem applicados são os grandes motores da prosperidade social. Tambem lhe não faltam capital e credito.

Grande festividade de Nossa Senhora de La-Sallete.—Nos dias 19, 20 e 21 do corrente mez, celebra se em Oliveira d'Azemeis, como já noticiamos, com toda a pompa e magnificencia a festa de Nossa Senhora do La-Sallete, havendo procisão, missa solemne e sermão na egreja matriz, e arraial no monte dos Crastos, onde está erecta a ermida consagrada á Virgem da mesma invocação. Um jornal da terra apresenta o seguinte programma:

No dia 19 de tarde a grande commissão promotora dos festejos, acompanhada de todos os mordomos e devotos, sahirá da egreja matriz com o clero, em acompanhamento presidido pelo reverendo Parocho e, levando duas bandas de musica, se dirigirá para a montanha de La-Sallete, e d'ahi será conduzida em procissão a veneranda imagem de Virgem, que percorrendo diversas ruas chegará á egreja ás 8 horas da noite.

Em frente da egreja e em todas as ruas de transito haverá grande illuminação.

Na praça da villa haverá uma brilhante illuminação a balões venezianos, sendo illuminadas todas as arvores; haverá fogo de artificio e de ar e balões, em tres coretos tocarão as musicas d'Oliveira, de S. Thiago e a banda da guarda municipal do Porto.

No dia 20 ás 11 horas da manhã, ha missa solemne com musica pela philarmonica de S. Thiago, composição do distincto regente Manuel de Pinho, sermão pelo eximio orador o sr. dr. Antonio Alves Mendes Ribeiro, conego da Sé do Porto.

Pelas 5 horas da tarde sahirá da egreja matriz o prestito em solemne procissão conduzindo o andor da Virgem para a montanha de La Sallete.

O prestito seguirá pela fórma seguinte:

Um piquete de cavallaria em batedores irá em frente, depois a philarmonica oliveirense, seguindo-se os mordomos e devotos, com opas; grupos de anjos e virgens com as insignias da Virgem e com bandeiras, tendo em lettras douradas as datas da apparição da Virgem, e as datas da instituição d'esta festa, aformosearão o prestito.

Seguirá o andor da Sanctissima Virgem magnificamente adornado, e atraz um grupo de anjos com varias insignias, seguindo-se depois a philarmonica de S Thiago, o clero e paiio, a commissão dos festejos, e apoz esta a banda de musica da guarda municipal do Porto.

Fechará o prestito uma força de infanteria de 50 praças e um piquete de cavallaria.

A' noite grande arraial na montanha de La Sallete, magnifica illuminação, surprehendente fogo d'artificio, e balões, tocando em coretos apropriados as tres bandas de musica, que executarão as melhores peças de seu repertorio, até ás 3 horas da madrugada.

No dia 21 de manhã ha missa solemne na ermida, com sermão pelo reverendo dr. Alves Mendes, tocando fóra no arraial as trez musicas. De tarde, grande arraial e bôdos campestres. A' noite, grande illuminação, na praça da villa e fogo d'artificio tocando em tres coretos as tres musicas até á uma hora da noite.

Inauguração.—Inauguraram-se hontem os trabalhos de edificação da Igreja de S. João da Madeira e da estação telegraphica. Pelo que diz o nosso estimado collega do *Jornal do Povo*, o acto foi muito concorrido.

Posta rural.—Vae ser estabelecida em Goes, no concelho d'Argaoil, a posta rural.

Feira da Vista Alegre.—Foi hontem muito concorrida a feira chamada da Ermida. Cresce de importancia aquelle centro commercial, onde se agrupam generos de toda a ordem como fazendas de lã e de algodão, madeiras, ourivesaria, ervas, legumes, aves, roupas feitas, e em grande quantidade instrumentos de lavoura, de que se faz um grande commercio.

Para se fazer juizo do que está sendo importante aquelle mercado, bastará dizer-se que na feira de hontem se venderam mais de 200 eixos de sobro para carros, mais de 150 rodeiros ferrados e não ferrados, mais de 150, chideiros, e dos objectos miudos de lavoura vendeu-se tudo na respectiva proporção. As madeiras de pinho serradas estiveram muito em conta, pois vendeu-se alli excellente solho a 700 réis e até a 400 réis, e guardapó a 160 e até a 140.

Chuva.—Choveu na noite de sabbado para domingo e na de domingo para segunda-feira. A agua que cahiu foi util ainda para alguns milhos temporãos, para os dos campos e para as vinhas; não o foi assim para o sal, cuja colheita atrazou um pouco, porque as chuvas sempre prejudicam as salinas, quando ellas estão, como agora estavam, em pleno fabrico.

Esta circumstancia, concorre para convencer a todos de que a colheita do sal não pode ser grande este anno, tendo por conseguinte, de subir o preço do genero, que está já por 30$000 reis o barco.

Trabalho no mar.—Houve hontem interrupção de trabalho no mar por ser dia, que todos guardam. Os dias anteriores da semana foram de pouca pesca em todas as costas. D'hoje não ha ainda noticias.

Fabrica a vapor de chapeus em Pernambuco.—Do *Diario de Pernambuco* tomamos a seguinte noticia:

Hontem, ás 11 horas do dia, conforme estava annunciado, teve logar a inauguração official da fabrica a vapor de chapeus, de que são concessionarios privilegiados os srs. Antonio José Maria & C.a, que montaram a dita fabrica no espaçoso predio n.º 147 da rua do Visconde de Goyanna, da parochia da Boa-Vista, predio que para o caso, achava-se garbosamente ataviado com bandeiras e flores.

Assistiram á festa inaugural, crescido numero de senhoras, o ex.mo sr. conselheiro presidente da provincia e outras pessoas gradas convidadas, sendo todas recebidas pelos proprietarios da fabrica com toda a amabilidade, tocando uma banda de musica e soltando-se muitas girandolas de foguetes.

A's 11 e meia horas, feita a transmissão do motor, pozeram-se em andamento todas as machinas da fabrica, cuja missão é separar o feltro em polpa e fabricar chapeus dos conhecidos geralmente por chapeus de massa.

Todo o machinismo é moderno e aperfeiçoado, primando sobre todas as peças o motor a vapor, do systema silencioso, que fabricado no Porto pela *Fundição do Ouro*, de propriedade dos srs. L. F. de Souza Cruz & Filhos, altera a pericia d'estes fabricantes e o progresso na metalurgia de ferro n'aquella cidade.

O trabalho da fabrica agradou geralmente, e não menos agradou a bella exposição dos seus artefactos, realisada n'uma salla em que elles estavam dispostos artisticamente.

A 1 hora da tarde foi servido aos convidados um lauto *lunch* para 80 talheres, no correr do qual foram trocados muitos brindes.

A fabrica tem cerca de 80 operarios quasi todos nacionaes.

O que melhor lhe podemos desejar é que *vivat, crescat et floreat.*

CORREIO DE HOJE

(Do nosso correspondente)

Lisboa 15 de agosto.

A familia real chega ámanhã a Lisboa. Os amigos do governo preparam-lhe recepção condigna, havendo para isso convites feitos em larga escala. A chegada verificar-se-ha ás 6 horas da tarde pouco mais ou menos.

— Com a chegada d'el-rei deve haver acontecimentos importantes na politica. Na conservação do que existe, como existe, ninguem crê. Que alguma cousa ha de vir que altere ou modifique o actual estado de cousas, é fóra de duvida. O que virá, porém, ninguem o póde prever—tão baralhadas estão as cousas.

— O sr. Marianno de Carvalho já regressou das Caldas, onde esteve algum tempo com sua exm.a espoza.

— Parece fóra de duvida que se o governo se conservar será dispensado do cargo de governador civil de Lisboa o sr. Caetano d'Albuquerque, entrando para o seu logar o sr. Miguel Rangel, cunhado do sr. Arrobas. O sr. Caetano d'Albuquerque não está *bem á altura* da gravidade das circumstancias; não sabe engenhar pavorosas, não tem o *geito* que se exige n'um logar d'aquelles quando a regeneração domina n'estes reinos. E' natural por conseguinte que o sr. Caetano d'Albuquerque seja sacrificado ao principio das conveniencias regeneradoras. Ha n'isto tambem a conveniencia de não fazer ir para os Açores, de demorar no paiz o sr. Miguel Rangel e de collocar no governo civil de Lisboa, sem responsabilidade pessoal, o sr. Arrobas, que é quem ficará governando por traz da cortina. D'este modo arranja-se tudo, de forma que todos ficam como desejam.

— Passa como certo, que o sr. Fontes, por não haver no partido progressista quem lhe acceite as caricias, mandara offerecer ao sr. José Dias a pasta da fazenda, affirmando-se que este cavalheiro regeitara a offerta. O sr. presidente do conselho procura, com justiça que revela vontade de se vêr livre do fardo, quem lhe tome conta da pasta da fazenda, chegando a affirmar-se que s. ex.a procura entender-se para isso com o sr. conde de Valbom—que decerto não acceita logar secundario em qualquer administração. Veremos o que apparece depois do regresso da côrte a Lisboa, mas o que póde desde já affirmar-se é que, ou teremos recomposição em larga escala, ou quéda do gabinete. O que a sorte dará, pois que a sorte e não as regras é que é tudo n'este paiz, vêl-o-emos n'um praso curto.

— Calcula-se em 200 hectares de terreno a área atacada da phylloxera no districto de Leiria. O tratamento adoptado contra o mal pelos homens da sciencia que alli foram é a applicação do carbone.

— Parece que está emfim resolvida a nomeação do ministro para o Brasil. O sr. Serpa não foi procurar pessoa habil ao corpo diplomatico propriamente dito: foi á direcção politica do seu gabinete buscar a pessoa que lhe pareceu mais apropriada para o fim. O escolhido é pois o sr. Tovar de Lemos, que no ministerio dos estrangeiros era o director da repartição politica. D'esta escolha resultam *arranjos* porque o fim da regeneração não é procurar bem servir o paiz, é arranjar-se a si em todas as partes, pondo acima de tudo o proprio engrandecimento, tambem pelos meios, pois que um partido de pobres é sempre um partido fraco. Cumpre pois aos chefes *arranjar bem* os amigos para que n'um dado momento possam *occorrer* as necessidades do grupo. Da nomeação do sr. Tovar de Lemos resultará a subida do sr. Duarte Gustavo Nogueira Soares ao logar do sr. Tovar, e o sr. Montufar Barreiros ao do sr. Gustavo—tudo accessos pingues em altas collocações. E aqui vê o paiz como correm as cousas n'esta ditosa epoca regeneradora.

— A colheita de trigos no Alemtejo foi apenas regular, não tendo nada de abundante.

— Decididamente os francezes não querem touradas. N'uma corrida realisada em Nimes no dia 6 de agosto, o publico apesar da pericia e da coragem dos toureiros, atirou por cima da trincheira para o meio da praça, os mastros, bandeiras e bancos, no meio de um espantoso tumulto, que a policia não conseguiu apasiguar, provando assim quanto horror lhe causa semelhante divertimento.

— Mr. Jourdan, chefe de uma grande casa de Boston, que não emprega menos de 3:000 pessoas, chegou ha dias a Paris. Acompanham-o 25 dos seus empregados, de ambos os sexos, escolhidos á sorte e que mr. Jourdan traz á Europa, á sua custa, não só para os recompensar pelo seu trabalho, mas para completar ao mesmo tempo a sua instrucção commercial pelo estudo e comparação dos grandes estabelecimentos inglezes e francezes. E' um exemplo digno de ser imitado, mas que não terá seguidores, porque os meios pecuniarios de mr. Jourdan faltam a muitos.

— O sr. infante D. Augusto regressa ámanhã das Caldas da Rainha.

— O sr. major Serpa Pinto vae partir para a Allemanha. O illustre explorador honra em toda a parte o nome portuguez.

— O decreto sobre a nova pauta das alfandegas, a que acima me refiro, vae ser suspenso logo que o ministro da fazenda regresse a Lisboa. Chegou telegramma officiando isso.

— Os pretos de Fulajula, na Guiné, fizeram uma carnificina de 50 brancos.

— Alem do sr. Dias Ferreira parece que tambem foram convidados para outras pastas os srs. Aguiar e Pinheiro Chagas, mas parece que ambos se recusaram á acceitação.

— O sr. deputado Freitas Oliveira despediu-se do partido regenerador, dizendo-se que vae publicar pela imprensa as razões que o levaram a dar esse passo.

MOVIMENTO MARITIMO

BARRA DE AVEIRO

Entrada em 3

Hiate «Machado I», do Porto, vasio.

Em 4

Hiate «Tres Amigos», de Lisboa, com farinha.

Em 7

Hiate «Andrade II», do Porto, vasio.
Hiate «Serafim», de Vianna, vasio.
Hiate «Guarde-me Deus», de Villa do Conde, com lastro.
Chalupa «Duque de Saldanha», do Porto, vasio.
Chalupa «Bom Successo», de Villa do Conde, com lastro.

Em 8

Hiate «Bussaco», de Vianna, vasio.
Calhique «Activo Figueiredo», de Espozende, vasio.

Em 9

Calhique «Resolvido», de Espozende, vasio.
Calhique «Felicidade de Deus», de Nazareth, com lastro.

Em 11

Hiate «Flor de Maria», do Porto, vasio.

Sahidas em 9

Hiate «Guarde-me Deus», para Villa do Conde, com sal.
Chalupa «Bom Successo», para Villa do Conde, com sal.
Hiate «Duque de Saldanha», para o Porto com sal.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

EDITAL

O Escrivão de Fazenda do Concelho d'Aveiro, em cumprimento do art. 109, do regulamento de 28 de agosto de 1882, aviza pelo presente edital a todos os individuos abaixo designados para, nos dias aqui indicados, pelas 9 horas da manhã, se reunirem na casa da camara d'este concelho, afim de se constituirem em gremio da respectiva industria, elegerem o seu presidente e vogaes, e procederem á repartição do contingente de cada gremio á vista da lista que será presente.

Para o dia 17 d'agosto

Padeiros, alfaiates com estabelecimentos e vendedores de peixe.

Para o dia 18 d'agosto

Mercadores de cereaes por miudo, fornos de cozer pão sem vender, capellistas sem modas, bufarinheiros sem cavalgadura, taberneiros, tendeiros de viveres, donos de barcos menores, e fabricantes de louça de barro ordinario.

Para o dia 19 d'agosto

Pintores, sapateiros, calafates, vendedores de leite, marceneiros, ferradores, barbeiros, ferreiros, carpinteiros, vendedores ambulantes de pão e outros generos.

Em qualquer d'estes dias podem comparecer n'esta repartição de fazenda para dividirem entre si as respectivas collectas, não podendo formar gremio por falta de numero, os seguintes industriaes:—Medicos, donos de hospedarias, advogados, mercadores de tecidos de lã, boticarios com estabelecimento, mestres d'obras (carpinteiros), serigueiros com estabelecimento, capellistas com modas, fogueteiros, agencias indeterminadas, professores d'instrucção secundaria, calafates e tecelões.

E, para constar, se passou o presente e outros d'egual theor.

Aveiro, 12 de agosto de 1881.

O Escrivão de Fazenda,
Manuel Ferreira Corrêa de Sousa.

GRAVATAS

Alta novidade em diversos feitios e qualidades, fichús de renda, e de malha, e de fio de escocia, para senhoras, e mais miudezas, Rua dos mercadores n.os 2 e 4 em Aveiro, tudo a preços reduzidos, na mesma loja se vende os acreditados biscoutos de limão, egualmente ra do Bairro.

Se vendem na Costeira n.º 17, a preço de 120 reis o antigo arratel.

PRENSAS

PARA

AZEITE

A Fabrica de Fundição do Ouro, no Porto, continúa a construir as importantissimas PRENSAS DE FERRO de grande força, com o pezo de 3:900 kilos de ferro, as quaes têm conseguido extrair do bagaço da azeitona, 7 canadas d'azeite de cada prensada de 32 alqueires de bagaço, depois de ter sido expremido nas varas, como tem provado pelos importantes attestados que tem recebido e publicado.

Porto, 12 d'agosto de 1882.

L. F. de Souza Cruz & Filhos,
(proprietarios.)

PREVENÇÃO

José Maria d'Oliveira Vinagre previne os seus exm.os freguezes de que, do dia 15 do corrente mez em diante, todos os envolocros dos generos vendidos no seu estabelecimento serão chancellados com o seu nome e morada, para evitar as falsificações, a que esta parte tem dado logar.

Herança

Precisa-se saber dos herdeiros de Eduardo Codovill, fallecido no Rio de Janeiro. Os herdeiros, querendo saber da herança, podem dirigir-se ao illm.º sr. João Barros Carneiro, residente no logar da Touça, da freguezia de Roças, da comarca de Vieira.

Roças 20 de junho de 1882.

Antonio d'Araujo Machado.

Concerto de pianos

Antonio Luiz Gomes, d'Oliveira d'Azemeis, concerta pianos debaixo de sua responsabilidade em casa dos donos, aonde for chamado. Além de muitos trabalhos no genero que tem acabado com bom exito, muita economia em diversos concelhos d'este districto, dá abonadores á sua competencia na arte.

COSTA NOVA DO PRADO

Maria Amalia recebe este anno hospedes no seu palheiro, n'esta praia, fornecendo cama e meza por preços extremamente commodos.

PALHEIRO

NA

COSTA NOVA

Henrique Ferreira Pinto vende o seu convindo a proposta. Dirigir-se ao mesmo por carta para Oliveira do Bairro.

Encontra-se aberto ás segundas-feiras para vêr.

OFICINA DE SARRALHEIRO

EM AVEIRO

Domingos Luiz Valente d'Almeida annuncia ao publico que na sua loja vende camas de ferro de armar sem parafuzo. Preços muito baratos.

Pevides de marmelo

Compram-se por bom preço na drogaria de Ribeiro da Costa & C.a, 150, rua do Arsenal 152, Lisboa.

ALGODÃO SINGER

TORGAL SINGER

Fabricado expressamente para as machinas de cozer. Vende-se a retalho e por atacado, com bom desconto e a preços baratissimos na

COMPANHIA FABRIL

SINGER

75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

AVEIRO

Quem pretender, pode dirigir-se á mesma loja para tratar de sua saude.

Espera-se a loja nova da rua da Direita d'esta cidade, n.º 52 com todos os generos estabelecidos, bem como estantes e bancos, por ser dono ter de retirar-se para fóra da terra, afim de tratar de sua saude.

ESTA CASA

VENDE CAZAS

Francisco Manuel Couceiro da Costa vende 3 moradas de casas em Aveiro, situadas duas na rua do Gravito, e uma no alto da rua de José Estevam. Todas se acham em bom estado de ser habitadas, e uma das da rua do Gravito tem grande quintal com agua, terra de pão e ortalicas, jardim e bons pomares.

Trata-se com o annunciante directamente, e propõe-se o pagamento do preço convencionado em prestações, mais ou menos avultadas e com juro modico, havendo a precisa garantia.

AGENCIA DA PROVINCIA

PROPRIETARIOS

AMORIM & C.a

Escriptorio

Antigo Correio Geral 2—3.º

LISBOA

Esta agencia encarrega-se de tratar de prompto e mediante pequena commissão de:

Negocios forenses, esclarecimentos sobre collegios e casas de educação, matriculas, certidões de exames, casamentos, passaportes, etc. etc.

De comprar, mediante commissão modica, livros e obras dramaticas, musicas, machinas de costura, machinas e utensilios agricolas, artigos de modas, fazendas para vestuario, moldia, objectos de ouro ou prata, etc. Envia amostras e figurinos pelo correio. Promove assignaturas e annuncios para todos os jornaes da provincia. Encarrega-se de assignaturas e annuncios para todos os jornaes nacionaes e estrangeiros. Envia specimens dos mesmos.

Fornece informações pelo correio ou telegrapho sobre qualquer pretenção dos tribunaes, cartorios, secretarias de estado etc., etc.

Recebe encommendas de vestidos, fatos para homens, cal ado, etc., etc.

Encarrega-se de pôr a moda qualquer vestido ou chapeu antigo.

Tudo com a maxima brevidade e por preços resumidos.

Promove em Lisboa a venda de cereaes, vinhos e outros quaesquer productos agricolas.

Dão-se referencias de credito. Para mais esclarecimentos, dirigir-se á **Agencia da Provincia**, Antigo Correio Geral 2—3.º LISBOA

REDINHA

Está prestes a vagar o logar de regente da musica d'esta Villa; quem estiver nas circumstancias de occupar este logar pode dirigir-se ao Presidente da musical Manuel Dias Varella Cardoso, ou em Lisboa a Luiz Maria de Carvalho, rua do Moinho de Vento 128, 1.º

O MESTRE POPULAR

Francez ou Inglez sem mestre, em 50 lições. Descoberta inapreciavel, que permitte a qualquer pessoa aprender sem auxilio de mestre, com pequena despeza e no mais curto espaço de tempo, a lingua franceza ou a ingleza. Preço do methodo para cada lingua: Portugal e Ilhas, 2$000 réis, franco de porte.—Brazil, franco de porte e registado, 8$000 réis, moeda brazileira. A importancia dos pedidos do Brazil, pode ser enviada, de qualquer ponto do imperio, por meio de vales internacionaes, dirigidos ao editor do MESTRE POPULAR, Joaquim Gonçalves Pereira, Palacio do Antigo Correio Geral—Lisboa.

FIALHO D'ALMEIDA

A CIDADE DO VICIO

1 VOLUME, 600 REIS

Está á venda no mez de julho

PORTO

ERNESTO CHADRON, EDITOR

JULIO LOURENÇO PINTO

O senhor deputado

SCENAS DA VIDA CONTEMPORANEA

PREÇO 500 REIS

Livraria Universal de Magalhães & Moniz, — editores — Largo dos Loyos, 12, Porto.

SINGER

As melhores e bem conhecidas machinas de costura que não teem rival, vendem-se a preços de 500 reis semanaes ou 10 por cento menos a prompto pagamento sómente na

COMPANHIA FABRIL SINGER

AVEIRO 75, RUA DE JOSÉ ESTEVÃO, 79

CUIDADO COM AS IMITAÇÕES

Avisamos o publico de que, em vista da grande acceitação e do bom resultado que em toda a parte do mundo tem tido as machinas de costura legitimas SINGER mais de duzentos fabricantes construiram machinas de costura com a mesma fórma e typo da nossa, para d'este modo as poderem vender e enganar o publico como se fossem legitimas SINGER, sendo isto mais uma prova em que se reconhece a grande superioridade da nossa machina SINGER, por todos a quererem imitar.

Todas as pessoas que comprarem uma machina de costura devem exigir sempre uma conta com o numero da mesma e as palavras legitimas machinas da COMPANHIA FABRIL SINGER, para evitar serem enganados com as *inferiores imitações.*

O unico deposito central da

COMPANHIA FABRIL SINGER

é na rua de José Estevão n.os 75 a 79 (em frente do edificio da Caixa Economica)—AVEIRO.

FELIAL NA VILLA DE OVAR

LE LION

THE LION FIRE INSURANSE A.

COMPANHIA DE SEGUROS ANGLO—FRANCEZA

CONTRA INCENDIOS A PREMIOS FIXOS

CAPITAL DA GARANTIA 4.725:000$000

SUCCURSAL NO PORTO

ALOYZIO A. DE SEABRA

20, Rua de Ferreira Borges 1.º

CORRESPONDENTES

AVEIRO—ANTONIO FERREIRA FELIX JUNIOR.
ALQUERUBIM—MANUEL MARIA AMADOR.
ANADIA—MANUEL RODRIGUES FILIPPE.
ESTARREJA—CUSTAVO R. DE SOUZA.

Em Aveiro, F. A. de Moura.

MAISON DE FRANCE

NOVIDADE EM CHAPEUS

Os proprietarios d'este estabelecimento, tem a honra de participar ao respeitavel publico, que abriram uma verdadeira exposição de elegantes chapeus, executados segundo os modellos das mais acreditadas modistas de França para senhoras e creanças.

Arranjam-se todos os chapeus antigos, pondo-se á moda, pelos ditos modellos, e há todos os preparos para os confeccionar, bem como um bonito e variado sortimento de cascos de palha para chapeus de todas as qualidades desde 500 reis até 4$500.

ATELIER DE VESTIDOS

Executam-se vestidos e confecções com a maxima perfeição, e rapidez e por preços muito resumidos, assim como enxovaes completos para noivas á vista dos ultimos figurinos, que todas as semanas se recebem de Paris.

Satisfazem-se encommendas de todas as terras do reino e ilhas encarregando-se dos transportes com a maior promptidão.

N. B. Todos os artigos de modas são vendidos na **MAISON DE FRANCE**, por preços consideravelmente resumidos, e por isso os proprietarios d'esta casa esperam merecer a deferencia dos seus clientes.

Lisboa—Travessa de Santa Justa, 61, 1.º andar.

GAZETILHA N.º 5

Solitaria—Recomendamos especialmente os glóbolos Secretan os unicos realmente infalliveis.—Em Aveiro, F. Antonio de Moura.

VINHO e XAROPE de DUSART

com Lactophosphato de Cal

As experiencias dos mais celebres medicos do mundo inteiro confirmaram que o lactophosphato de cal, no *estado soluvel*, introduzido no **Vinho e Xarope de Dusart** é, em todos os periodos da vida, o remedio *reconstituinte* por excellencia do corpo humano.

Nas *senhoras pejadas*, facilita o desinvolvimento do feto, e muitas vezes basta para prevenir os vomitos e mais accidentes da gravidez. Quando se administra ás *amas de leite*, melhora-lhes o leite, e, não se devem receiar para a criança de mama *colicas* nem *diarrheas*; opera-se facilmente a *dentição* sem *dôres* nem *convulsões*. Mais tarde, quando a criança está *pallida, lymphatica*, quando as carnes estão *molles*, e que lhe apparecem *glandulas* no pescoço, acha-se um remedio sempre efficaz no lactophosphato de Cal.

Não é menos segura a sua acção reparadora e reconstituinte nos *adultos anemicos*, padecendo *más digestões*, e nos que estão *enfraquecidos* pela idade, o trabalho ou os excessos.

O seu uso é precioso para os *tisicos*, por isso que opera a *cicatrização dos tuberculos* no pulmão, e sustenta as forças do doente, favorecendo a sua alimentação.

Em resumo, o **Xarope** e o **Vinho de Dusart** estimulam o *appetite*, estabelecem completamente a *nutrição*, e concorrem para a *formação regular* dos *ossos*, dos *musculos* e do *sangue*.

Paris, Casa GRIMAULT e C.a, 8, rua Vivienne, Paris

DEPOSITO NAS PRINCIPAES PHARMACIAS E DROGARIAS

BRONCHITES e RESFRIAMENTOS e CATARRHOS

A efficacia da CREOSOTE de HAYA do Dr FOURNIER na cura de Affecções pulmonares, de Bronchite, de Resfriamentos e de Catarrhos, é um facto estabelecido solidamente hoje em diante por cinco annuncios. Os trabalhos dos Medicos mais auctorisados permittem afirmar que possue contra estas terriveis enfermidades, o mesmo poder *que a quinina contra a febre.*

UNICOS PRODUCTOS RECOMPENSADOS NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE PARIS EM 1878

CAPSULAS CREOSOTADAS DO Dr FOURNIER

Quem padecer molestia do peito, ensaie as Capsulas do Dr Fournier. Este producto é egualmente apresentado sob a forma de Vinho creosotado, Oleo creosotado. — Deposito em PARIS, 23, PLACE DE LA MADELAINE.

A Agencia Franco-Hispano-Portugueza, Serão: 31, MADRID, envia as pedidas.

BOMBAS J. MORET & BROQUET, BROQUET & S.a

FABRICA E OFFICINAS: 121, rue Oberkampf, PARIS

As melhores e mais apreciadas em toda a França e no Estrangeiro para Vinhos Azeites, Alcooles, Carvões